

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

JÚLIA VIANA KIVEL

ADOÇÃO RESPONSÁVEL E ACOMPANHAMENTO PÓS-ADOÇÃO COMO  
ESTRATÉGIAS PARA ROMPIMENTO DO CICLO DE REABANDONO DE ANIMAIS  
DE ABRIGOS

CURITIBA

2023

JÚLIA VIANA KIVEL

ADOÇÃO RESPONSÁVEL E ACOMPANHAMENTO PÓS-ADOÇÃO COMO  
ESTRATÉGIAS PARA ROMPIMENTO DO CICLO DE REABANDONO DE ANIMAIS  
DE ABRIGOS

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Ciências Veterinárias, Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências Veterinárias.

Orientadora: Profa. Dra. Rita de Cassia Maria Garcia

CURITIBA

2023

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS

Kivel, Júlia Viana

Adoção responsável e acompanhamento pós-adoção como estratégias para o rompimento do ciclo de reabandono de animais de abrigos / Júlia Viana Kivel. – Curitiba, 2023.

1 recurso online: PDF.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Agrárias, Programa de Pós-Graduação Ciências Veterinárias.

Orientadora: Profa. Dra. Rita de Cassia Maria Garcia

1. Aconselhamento. 2. Revisões sistemáticas (Pesquisa médica). 3. Animais - Comportamento. I. Garcia, Rita de Cassia Maria. II. Universidade Federal do Paraná. Programa Pós-Graduação Ciências Veterinárias. III. Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SETOR DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO CIÊNCIAS  
VETERINÁRIAS - 40001016023P3

## TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação CIÊNCIAS VETERINÁRIAS da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de JÚLIA VIANA KIVEL intitulada: *Adoção responsável e acompanhamento pós-adoção como estratégias para rompimento do ciclo de abandono de animais de abrigos*, sob orientação da Profa. Dra. RITA DE CÁSSIA MARIA GARCIA, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestra está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 10 de Outubro de 2023.

Assinatura Eletrônica

25/10/2023 18:37:02.0

RITA DE CÁSSIA MARIA GARCIA

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

30/10/2023 23:01:33.0

GRAZIELA RIBEIRO DA CUNHA

Avaliador Externo (PREFEITURA DE PINHAIS)

Assinatura Eletrônica

25/10/2023 11:25:12.0

CARLOS EDUARDO CORADASSI

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA)

---

RUA DOS FUNCIONÁRIOS, 1540 - CURITIBA - Paraná - Brasil

CEP 80035050 - Tel: (41) 3350-5621 - E-mail: [cpgcv@ufpr.br](mailto:cpgcv@ufpr.br)

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.

Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 323695

Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://siga.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp> e insira o código 323695

À minha pequena que agora habita meu coração, Kiara.

Afinal foi você que me mostrou o amor verdadeiro através da adoção. Foi a partir de você que tantos outros animaizinhos ganharam lares e se tornaram seus “irmãos” e “primos”.

Você foi e é luz na vida dos que te conheceram!

## AGRADECIMENTOS

À Deus e meus guias, que com a absoluta certeza não saíra do meu lado e me deram forças para finalizar essa etapa (que não foi nada fácil). Deus é bom o tempo todo e sabe exatamente o momento certo que cada coisa deve acontecer!

Aos meus pais, que desde pequena trabalharam para tornar esse momento realidade e nunca me deixaram faltar nada. Extendo esse agradecimento a Bianca, Dudinha, meus tios, tias, primos e primas, avós e avôs. Minha família amada que está presente nos momentos de festejo e também sabem quando dizer uma palavra de conforto. Obrigada por essa base concreta que vocês são para mim!

À Aline, que esteve ao meu lado nos momentos de comemoração e principalmente nos momentos que fraquejei. Você trouxe sentido a minha vida e mesmo não tendo escrito uma única palavra posso afirmar que essa dissertação é tão sua quanto minha. Gostaria que existissem palavras para descrever o quanto sou grata.

Aos meus filhos, que não nasceram de mim, mas nasceram para mim: Thobby, Kiara, Anita, She-ra, Thor, Mel, Cindi, Huguinho. Cada um com seu jeitinho soube me dar amor em algum momento e que me fez chegar até aqui.

À Raquel, psicóloga tão competente, que me ouviu chorar, rir, reclamar, agradecer, reclamar mais um pouco, surtar, e sempre soube exatamente o que dizer. Ou simplesmente me lembrar do básico: parar e respirar.

À Lu Baldan que inspirou parte desse trabalho assim como ajudou ativamente na execução do mesmo. Que você consiga levar o teu projeto para cada cantinho do país.

À minha orientadora, Rita, e colegas e demais professores que transmitiram conhecimento, obrigada pela oportunidade e confiança!

As instituições que abrigam animais e aceitaram participar do projeto, obrigada por confiarem a mim os animais que participaram desse projeto. Espero ter contribuído para uma nova visão de processo de adoção para que mais vidas preciosas sejam salvas.

À Fundação Araucária de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Estado do Paraná (FA) pelo financiamento do projeto e pela bolsa concedida.

*Faça o seu melhor, na condição que você tem,  
enquanto você não tem condições melhores, para  
fazer melhor ainda.*

(Mario Sergio Cortella)

## RESUMO

Os abrigos de animais visam reabilitar e preparar os animais para reintrodução na sociedade, por meio da adoção permanente. O processo de adoção pode envolver etapas como aconselhamento prévio e suporte posterior. Para verificar a constituição dos processos de adoção de animais e quais etapas estão presentes, o primeiro capítulo teve como objetivo realizar uma revisão sistemática. Foi utilizada a combinação de palavras-chave e ordenadores booleanos: adoption process AND shelter AND animal. Após aplicação dos critérios de exclusão obteve-se 17 artigos que abordavam alguma fase do processo de adoção de forma satisfatória a ser discutida. Os artigos abordaram diferentes etapas do processo de adoção, como treinamento e preparação dos animais, entrevista e aconselhamento dos adotantes, pareamento adotante-animal, acompanhamento pós-adoção com suporte comportamental. No entanto, nenhum dos artigos abordou todas as etapas. A partir da análise das diferentes fases do processo de adoção de animais e do paralelo com o processo de adoção de crianças e adolescentes no Brasil, é possível construir um modelo de processo de adoção de animais baseado nessa experiência bem estabelecida. Como comportamentos indesejados (CI) são os motivos mais citados de adoções malsucedidas, o objetivo do segundo capítulo foi acompanhar o pós-adoção de cães de abrigo com e sem treinamento prévio e verificar se o treinamento e acompanhamento contribuem para uma adoção duradoura. Os animais foram separados nos grupos controle e treinado e o treinamento envolvia comandos básicos. O acompanhamento pós-adoção (APA) foi realizado em 3 contatos, em que os adotantes responderam um questionário e receberam aconselhamento. Uma profissional especializada disponibilizou assessoria comportamental (AC) nos casos necessários. Participaram do projeto 62 cães, que devido a troca de grupo, totalizaram 42 treinados e 20 controles. Foram adotados 24 animais (43,63%), sendo 54,16% (13/24) treinados e 45,83% (11/24) controles; 1 cão treinado foi devolvido e adotado novamente e 5 famílias não participaram do APA. A maioria dos cães (78,94% - 15/19) apresentou CI; dos que não apresentaram, 75% (3/4) eram treinados. Apesar da alta incidência de CI, apenas 5 (26,31%) famílias aceitaram a AC, os demais entenderam ser parte da adaptação, receberam aconselhamento e conseguiram modificar o CI. Além disso, todos os adotantes acharam relevante o APA para adaptação do animal. Portanto, é essencial que o processo de adoção contemple preparação dos animais e acompanhamento posterior para que seja alcançado o objetivo de ressocialização dos cães em novos lares e de forma duradoura.

Palavras-chave: aconselhamento; comportamento indesejado; revisão sistemática; treinamento.

## ABSTRACT

Animal shelters aim to rehabilitate and prepare animals for reintroduction into society through permanent adoption. The adoption process involves steps such as prior counseling and subsequent support. To verify the constitution of animal adoption processes and which steps are present, the first chapter aimed to carry out a systematic review. The combination of keywords and Boolean orderers was used: adoption process AND shelter AND animal. After applying the exclusion criteria, 27 articles were obtained that addressed some phase of the adoption process in a satisfactory way to be discussed. The articles covered different stages of the adoption process, such as interviewing and counseling adopters, adopter-animal pairing, post-adoption follow-up with behavioral support, training and preparation of animals. However, none of the articles covered all the steps. From the analysis of the different phases of the animal adoption process and the parallel with the adoption process of children and adolescents in Brazil, it is possible to build a model of the animal adoption process based on this well-established experience. As undesirable behaviors (CI) are the most cited reasons for unsuccessful adoptions, the objective of the second chapter was to monitor the post-adoption of shelter dogs with and without prior training and verify whether training and monitoring contribute to a lasting adoption. The animals were separated into control and trained groups and training involved basic commands. Post-adoption follow-up (APA) was carried out in 3 contacts, in which adopters answered a questionnaire and received counseling. A specialized professional provided behavioral advice (AC) when necessary. 62 dogs participated in the project, which, due to group changes, totaled 42 trained dogs and 20 controls. 24 animals (43.63%) were adopted, 54.16% (13/24) trained and 45.83% (11/24) controls; 1 trained dog was returned and adopted again and 5 families did not participate in the APA. The majority of dogs (78.94% - 15/19) presented IC; of those who did not present, 75% (3/4) were trained. Despite the high incidence of CI, only 5 (26.31%) families accepted the AC, the others understood it to be part of the adaptation, received counseling and managed to modify the CI. Furthermore, all adopters found the APA relevant for the animal's adaptation. Therefore, it is essential that the adoption process includes preparation of the animals and subsequent follow-up so that the objective of resocializing the dogs in new homes on a lasting basis is achieved.

Key words: counseling; systematic review; training; unwanted behavior.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
Referências .....	14
<b>PROCESSO DE ADOÇÃO DE ANIMAIS DE ABRIGO</b> .....	<b>16</b>
ANIMALS ADOPTION PROCESS FROM SHELTERS .....	16
Introdução .....	17
Desenvolvimento .....	19
Conclusão .....	24
Referências .....	26
<b>TREINAMENTO E ACOMPANHAMENTO PÓS-ADOÇÃO DE CÃES DE ABRIGOS: ESTRATÉGIAS PARA UMA ADOÇÃO BEM-SUCEDIDA</b> .....	<b>29</b>
TRAINING AND POST-ADOPTION FOLLOW-UP OF SHELTER DOGS: STRATEGIES FOR A SUCCESSFUL ADOPTION .....	29
Introdução .....	30
Objetivos .....	33
Materiais e Métodos .....	34
Resultados e Discussão .....	37
Conclusão .....	44
Referências .....	46
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>48</b>
<b>REFERÊNCIAS GERAIS</b> .....	<b>49</b>
<b>VITA</b> .....	<b>53</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>54</b>

## INTRODUÇÃO

Com o avanço nas discussões sobre Saúde Única, está cada vez mais evidente o quanto a relação entre ser humano, animal e meio ambiente está presente em diversas áreas e a importância de estudos que exploram essa tríade. A Medicina Veterinária do Coletivo relaciona a Saúde Coletiva, Medicina Veterinária de Abrigos, Medicina Veterinária Legal, Medicina Veterinária de Desastres (Garcia et al, 2019) e, mais recentemente, a Medicina de Povos Originários e Tradicionais demonstrando que comunidade, ambiente e animais são elementos inseparáveis que devem ser trabalhados de forma multidisciplinar, intersetorial e multiprofissional.

No contexto da Medicina Veterinária do Coletivo, o abandono de animais e o contingente de animais não domiciliados estão entre as situações mais desafiadoras, pois desdobra-se em diversas questões: animais errantes são potenciais vítimas e disseminadores de zoonoses (Nogueira, 2009); devido a agressividade ou territorialização podem ter comportamento de mordedura (Macedo; Rosa, 2004); são vítimas ou causadores de acidentes automobilísticos (Stafford, 2007); podem gerar desequilíbrio ambiental através da predação de animais silvestres (Galetti; Sazima, 2006) e reprodução descontrolada, o que também gera a necessidade de estratégias de manejo populacional de cães e gatos (MPCG) (Alves et al., 2013); além de estarem sujeitos ao comprometimento de seu bem-estar e até a morte (Molento, 2014; Garcia et al., 2019) por falta de alimentação, abrigo, cuidados veterinários, assim como serem potenciais vítimas de maus-tratos intencionais.

Entre as estratégias para mitigar o número de animais errantes está a coleta, tratamento, ressocialização e promoção da adoção. Quando uma família opta por adotar um animal acaba por idealizar tanto fisicamente, de forma geral cães de pequeno porte e filhotes são os mais desejados, quanto em relação ao comportamento do cão ou do gato (Posage et al., 1998; Moutinho et al., 2019). Após a escolha do animal, ele precisará de um tempo para adaptação ao novo local e às pessoas e esse período de adaptação pode estar associado a comportamentos indesejados (CI) pelos novos tutores (Coe et al., 2014). Esses CI podem vir a frustrar a família de adotantes caso não tenha sido devidamente orientada e preparada, levando ao abandono ou devolução dos animais.

O abandono é decorrente de uma ruptura do vínculo ser humano-animal, compromete o bem-estar dos animais. A situação dos animais errantes, principalmente quando em grande número, é vista de forma negativa pela sociedade em um contexto geral, porém, a população já visualiza os animais não domiciliados como consequência de os tutores não exercerem a guarda responsável. Por estarem vulneráveis e suscetíveis a acidentes, falta de comida, água e abrigo, violências, entre outros, cães e gatos podem ter traumas (Valsecchi; Prato Previde; Accorsi, 2007) que dificultam uma adoção posterior ou até mesmo a criação de vínculo com os adotantes (Clutton-Brock, 1995). Por isso a importância da criação de um MPCG que abranja de forma holística todo o processo de ressocialização e reintrodução dos animais em ambientes domiciliares, com a participação do poder público, associações protetoras, sociedade (Garcia, Calderón; Ferreira, 2012) e do meio acadêmico com estudos de estratégias para facilitar esse processo.

Os abrigos de animais têm como uma de suas principais funções fornecer alimentação e refúgio transitório, além de reabilitá-los e prepará-los para serem reintroduzidos na sociedade, especialmente através da adoção responsável. Esses locais fazem parte das estratégias de MPCG; porém, a adoção sem orientação dos adotantes pode não ter efeito na problemática de animais errantes e abandonados de um município. Por isso a importância do acompanhamento de adoções responsáveis e monitoramento periódico posterior, para que seja formado o vínculo tutor-animal, não ocorra quebra do mesmo resultando em abandono, e conseqüentemente todas as questões envolvendo a Saúde Única (Souza et al., 2010; Garcia, 2019).

A questão comportamental é relatada como um dos principais fatores de abandono de animais (Neidhart; Boyd, 2002; Alves et al., 2013) e de dificuldade com animais adotados, seguida por enfermidades (Soto et al., 2006; Moutinho et al., 2019). Alguns comportamentos podem ser vistos por uma família como inadequados e para outra podem ser tranquilamente toleráveis (Horwitz & Mills, 2009). Por isso é relevante explicar para os tutores quais são os comportamentos normais de cada espécie, mesmo que pareça algo de senso comum, pois alguns podem conhecer como um determinado animal age (Beaver, 2001) e achar que todos os outros farão da mesma forma, criando uma expectativa errada em relação ao cão ou gato adotado.

Landsberger et al. (2004) indicaram que, antes e depois de se ter a guarda de um cão ou gato, a educação e orientação diminuíram as chances de abandono. Logo, é perceptível a importância de informar de forma clara as responsabilidades da

guarda, verificar se aquela família está preparada naquele momento para adoção de um animal, além de realizar um acompanhamento pós-adoção. Seguindo esses passos, pode-se evitar adoções impulsivas, expectativas erradas em relação ao animal, e provável abandono posterior.

A dissertação foi dividida em duas partes. A primeira apresenta uma revisão bibliográfica sobre o processo de adoção de animais de abrigos. A segunda é um estudo sobre alternativas do processo de adoção que podem resultar em uma melhor adaptação do animal ao novo lar e conseqüentemente diminuir as chances de devolução e reabandono.

## REFERÊNCIAS

ALVES, A. J. S.; GUILLOUX, A. G. A.; ZETUN, C. B.; POLO, G.; BRAGA, G. B.; PANACHÃO, L. I.; SANTOS, O.; DIAS, R. A. Abandono de cães na América Latina: revisão de literatura / Abandonment of dogs in Latin America: review of literature / Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP / Continuous Education Journal in Veterinary Medicine and Zootechny of CRMV-SP. São Paulo: Conselho Regional de Medicina Veterinária, v. 11, n. 2 (2013), p. 34 – 41, 2013.

BEAVER B. V. Comportamento Canino: um guia para veterinários. São Paulo: Roca, 2001.

CLUTTON-BROCK, J. Aristotle, the scale of nature, and modern attitudes to animals. *Social Research*, p. 421-440, 1995.

COE, J. B.; Young, I.; Lambert, K.; Dysart, L.; Borden, L. N.; Rajic, A. A Scoping Review of Published Research on the Relinquishment of Companion Animals. *Journal of Applied Animal Welfare Science*, 17:3, 253-273. 2014.

GALETTI, M.; SAZIMA, I. Impacto de cães ferais em um fragmento urbano de Floresta Atlântica no sudeste do Brasil. *Natureza e Conservação*. v. 4, p. 58-63. 2006.

GARCIA, R. C. M. Introdução à medicina de abrigos. In: GARCIA, R. C. M.; CALDERÓN, N. BRANDESPIM, D. F. *Medicina veterinária do coletivo: fundamentos e práticas*. São Paulo: Integrativa, 2019. p. 274-286. ISBN: 978-65-80244-00-3.

GARCIA, R. C. M.; CALDERÓN, N.; FERREIRA, F. Consolidação de diretrizes internacionais de manejo de populações caninas em áreas urbanas e proposta de indicadores para seu gerenciamento. *Revista Panamericana de Salud Pública*, v. 32, n. 2, p. 140-144, 2012.

HORWITZ, D. F.; MILLS, D. S.; BSAVA. *Manual of Behavioural Medicine*. Second Edition, Gloucester, British Small Animal Veterinary Association, England 2009.

LANDSBERG, G.; HUNTHAUSEN W.; ACKERMAN L. *Problemas comportamentais do cão e do gato*. São Paulo: Roca, 2004.

MACEDO, J.L; ROSA, S.C.; Reconstrução de couro cabeludo após mordedura canina. Rev. Col. Bras. Cir. v. 31, p. 27-33. 2004.

MOLENTO, C. F. M. Public health and animal welfare. In: APPLEBY, M. C.; WEARY, D. M.; SANDOE, P. Dilemmas in animal welfare. 1. ed. London: WSPA, 2014. p.102-123. ISBN: 978-1780642161.

MOUTINHO, F. F. B.; SERRA, C. M. B.; VALENTE, L. C. M. Situação pós-adoção dos animais adotados junto a uma ONG de proteção animal no estado do Rio de Janeiro. Cienc. Anim. Bras., Goiânia, v. 20, 1-14, e-43777, 2019.

NEIDHART, L.; Boyd, R. Companion animal adoption study. Journal of Applied Animal Welfare Science, v. 5, p. 175-192, 2002.

NOGUEIRA, F. T. A. Posse Responsável de Animais de Estimação no Bairro da Graúna – Paraty/RJ. Educação Ambiental, BE-597 / v. 2, 2009.

STAFFORD, K. The Welfare of Dogs. The Netherlands. Springer. 2007.

POSAGE, J. MM; BARTLETT, P. C.; THOMAS, D. K. Determining factors for successful adoption of dogs from an animal shelter. J. Am. Vet. Med. Assoc. 213(4):478-482, 1998.

SOTO, F. R. M.; DE SOUZA, A. J; RISSETO, M. R.; LIMA, B. F. M. S. Adoção de cães no município de Ibiúna - SP - Brasil: análise crítica. Revista Ciência em Extensão. 3(1):26, 2006.

SOUZA, M. F. A.; GARCIA, R. C. M.; CALDERON, N.; MACGREGOR, E. Bem-estar animal em abrigos de cães e gatos. Rio de Janeiro: Relatório Técnico do Fórum Nacional de Proteção e Defesa Animal, 2010. 19 p.

VALSECCHI, P.; PRATO PREVIDE, E.; ACCORSI, P. A. Quality of life assessment in dogs living in rescue shelters. In: Quality of life: the heart of the matter: UFAW/BVA Ethics committee international symposium, 13-14 September. Universities Federation for Animal Welfare, 2007. p. 178-178.

## PROCESSO DE ADOÇÃO DE ANIMAIS DE ABRIGOS

**RESUMO** - Os abrigos de animais têm como uma de suas principais funções reabilitá-los e prepará-los para serem reintroduzidos na sociedade, especialmente através da adoção permanente. O processo de adoção pode ser construído com diferentes etapas, desde aconselhamento antes da adoção até suporte posterior. O objetivo do trabalho foi realizar uma revisão sistemática para verificar a constituição dos processos de adoção de animais e quais etapas estão presentes. Foi utilizada a seguinte combinação de palavras-chave e operadores booleanos: adoption process AND shelter AND animal, resultando em 6394 artigos. Após aplicação dos critérios de exclusão obteve-se 17 artigos que abordavam alguma fase do processo de adoção. Foram citadas as etapas de entrevista e aconselhamento dos adotantes, pareamento adotante-animal, acompanhamento pós-adoção com suporte comportamental através de especialista, aulas de treinamento ou aconselhamentos e preparação dos animais antes da adoção. Nenhum dos artigos contemplou todas as etapas. A partir da discussão de cada fase, foi possível fazer um paralelo com um processo de adoção já constituído no Brasil, o de crianças e adolescentes, visto que animais e crianças são seres de vulnerabilidade intrínseca. Dessa forma foi possível observar que pode ser construído um modelo de processo de adoção de animais a partir de um processo já consagrado e em execução há mais de 30 anos para permitir a ressocialização de cães e gatos de abrigos em famílias responsáveis.

**Palavras-chave:** acompanhamento; pós-adoção; preparação; revisão

## ANIMALS ADOPTION PROCESS FROM SHELTERS

**ABSTRACT** - One of the main functions of animal shelters is to rehabilitate and prepare them to be reintroduced into society, especially through permanent adoption. The adoption process can be built with different steps, from pre-adoption advice to post-adoption support. The objective of this work was to carry out a systematic review to verify which steps are present in the processes of adoption of animals from shelters. The following combination of keywords and Boolean coders was used: adoption process AND shelter AND animal, resulting in 6394 articles. After applying the exclusion criteria, 17 articles were obtained that addressed some stage of the adoption process. The steps of interviewing and counseling the adopters, adopter-animal

pairing, post-adoption follow-up with behavioral support through a specialist, training classes or counseling and preparation of animals before adoption were mentioned. None of the articles covered all the steps. From the discussion of each phase, it was possible to make a parallel with an adoption process already established in Brazil, that of children and adolescents, since animals and children are beings of intrinsic vulnerability. In this way, it was possible to observe that a model of animal adoption process can be built from a process already established and running for more than 30 years to allow the resocialization of dogs and cats from shelters in responsible families.

**Key words:** follow-up; post adoption; preparation; review

## INTRODUÇÃO

Os abrigos de animais têm como objetivos proporcionar refúgio transitório, além de reabilitar e preparar os animais para serem ressocializados, especialmente através da adoção responsável. Pesquisa recente no Brasil demonstrou que a maioria dos animais resgatados de maus tratos ou abandonados estão sob os cuidados de em torno de 400 organizações não governamentais (ONGs) ou protetores independentes, totalizando 184 mil animais abrigados (IPB, 2020). Ainda, há diversas problemáticas dentro dessas instituições, como falta de recursos, espaço físico reduzido, falta de conhecimento, planejamento e gestão deficitários (Turner et al., 2012). Porém esses locais tentam mudar a realidade dos animais e realocá-los em lares responsáveis, e para isso é essencial compreender quais motivos levam uma família a adotar um cão ou gato, assim como quais as dificuldades enfrentadas no período pós-adoção e quais os motivos que a levam a devolver o animal ou abandoná-lo.

Comportamentos indesejados são relatados como os principais fatores de abandono de animais (Neidhart; Boyd, 2002; Alves et al., 2013) e de dificuldade com animais adotados (Soto et al., 2006; Moutinho et al., 2019). Alguns comportamentos podem ser vistos por uma família como inadequados e para outra podem ser tranquilamente toleráveis (Horwitz & Mills, 2009). Por isso é relevante explicar para os tutores quais são os comportamentos normais de cada espécie. Além disso, falta de espaço nas casas, estilo de vida dos tutores e falta de orientações sobre os custos e responsabilidades da guarda de um animal estão entre as principais causas de abandono (Alves, et al., 2013). Logo, é fundamental que os abrigos de animais mantenham um profissional responsável pela parte comportamental e treinamento dos

cães, para que a possibilidade de uma adoção bem-sucedida aumente (Neidhart; Boyd, 2002; Miller; Zawistowski, 2013), além de conselheiros de adoção que repassem informações pertinentes para possíveis adotantes.

Cada abrigo pode criar uma política e método para condução do momento da adoção dos animais abrigados. Porém, a partir do I Fórum de Adoção, em 1999, diretores de abrigos dos EUA desenvolveram orientações para que fossem utilizados critérios menos rígidos para adoção de animais, mas que fossem mais válidos e, provavelmente, mais relevantes. Então a ideia foi de que o processo de adoção fosse conduzido de uma forma mais como uma conversa, que combinasse recomendações de cuidado com os animais e coleta de dados dos tutores, do que um interrogatório que terminaria com um “aprovado” ou “reprovado” (Moulton, 2003; Miller; Zawistowski, 2013).

Diversos trabalhos citam a importância de orientar os adotantes antes da adoção, explicando sobre o comportamento da espécie, cuidados veterinários, necessidades básicas (comida, água, abrigo, entre outros), custos, consequências do abandono (Neidhart; Boyd, 2002; D’Andretta, 2012), fornecer orientações por escrito, assim como deixar claro se a instituição prestará suporte pós-adoção (Miller; Zawistowski, 2013; Gates et al., 2018). Principalmente adotantes de cães, em estudo conduzido por Neidhart e Boyd (2002), relataram que gostariam de ter recebido mais informações sobre a saúde e o comportamento dos animais disponíveis para adoção, assim como orientação sobre qual cão seria mais adequado para o perfil da família. O acompanhamento das adoções e monitoramento periódico posterior com aconselhamento ou assessoria comportamental pode auxiliar na formação e fortalecimento do vínculo tutor-animal, evitando devoluções e abandonos.

Logo, essas percepções demonstram a importância de o momento da adoção ser realizado com calma, esclarecendo as principais dúvidas dos adotantes, além de analisar o perfil da família e correlacionar com o perfil dos animais, para que o animal adotado tenha uma melhor adaptação, minorando a chance de frustração dos tutores e possível abandono.

O processo de adoção pode ser composto por diversas fases e construído de formas diferentes por cada instituição, dessa forma, o objetivo do trabalho foi realizar uma revisão sistemática para verificar a constituição dos processos de adoção de animais de abrigos e quais etapas estão presentes.

## DESENVOLVIMENTO

Para verificar como foram conduzidos processos de adoção de animais de abrigos ao longo dos anos foi realizada uma revisão sistemática. Em pesquisa prévia, não foi verificado nenhum artigo específico da temática, dessa forma optou-se por realizar uma pesquisa ampla para obter um maior número de trabalhos que pudessem ter menção de alguma etapa dos processos de adoção utilizados.

Através da plataforma Periódicos CAPES foram feitas pesquisas para definir as palavras-chave e ordenadores booleanos de forma a obter o maior número de resultados relacionados ao tema. Como filtros, foram escolhidos apenas artigos e em todo o texto. Na tabela 1 foram representadas possíveis escolhas de palavras-chave e ordenadores e o número resultante de trabalhos.

TABELA 1 – Palavras-chaves e ordenadores booleanos utilizados em pesquisa prévia para observação do número de artigos resultantes

Palavras-chave	Periódicos CAPES
adoption AND animal AND shelter AND process	4397
adoption process AND shelter AND animal	4397
adoption process AND animal AND shelter AND support	3524
“adoption process” AND shelter AND animal	98
adoption process AND animal AND shelter AND post-adoption	47
adoption process AND shelter AND dog OR cat	936.191
adoption process AND shelter AND (dog OR cat)	2041

Fonte: Autora (2023).

De acordo com a pesquisa inicial optou-se por prosseguir a revisão com a escolha da combinação: adoption process AND shelter AND animal. O passo seguinte

foi a exportação dos artigos no formato bibtex e filtragem com auxílio do aplicativo *Mendeley*. No momento da exportação verificou-se as bases de dados com o maior número de artigos para que fossem exportados diretamente das bases. Porém nos acervos individuais, o número de artigos era diferente do mostrado no Periódicos CAPES, de forma geral, números inferiores.

Devido à divergência no número de artigos encontrado nas fontes, foi realizada pesquisa em diferentes bases de dados, sendo escolhidas a que resultaram em maior número de artigos e de acordo com experiência prévia com o acervo. Dessa maneira, o banco de artigos da pesquisa foi composto por um total de 6394 trabalhos das seguintes bases: Periódicos CAPES, SAGE Journals, ScienceDirect, Taylor & Francis e Academic Search Premier.

Para filtragem do banco de artigos foram utilizados os critérios de exclusão: duplicatas, artigos que não abordaram o tema após leitura do título e/ou palavras-chave e/ou resumo, e por fim, exclusão após leitura completa do trabalho, resultando no total de 67 artigos, dos quais 17 foram utilizados para discussão por apresentarem descrição satisfatória do processo de adoção (tabela 2).

TABELA 2 – Critérios de exclusão dos artigos e número total de trabalhos após a exclusão

Critério	Total de artigos após exclusão
Início	6394
Duplicatas	4206
Por tema	70
Após leitura	67
Utilizados para discussão	17

Fonte: Autora (2023).

A leitura completa dos artigos foi realizada em ordem cronológica, iniciando pelo mais antigo do ano 1992 até 2022, de forma a verificar a possibilidade de evolução do processo de adoção ao longo do tempo.

Uma percepção importante foi a mudança dos motivos os quais as pessoas decidiam adotar um animal, principalmente cães. Inicialmente eram adotados por uma questão específica, como guarda ou ensinar responsabilidade aos filhos, com o passar dos anos ficou evidente que os animais eram adotados para companhia e amizade, com um vínculo emocional maior. No entanto, essa mudança também gerou

consequências, afinal os adotantes criavam expectativas que em alguns casos o animal não conseguia corresponder, resultando em insatisfação com a adoção e devolução ao abrigo (Kidd; Kidd; George, 1992a; Marston e Bennett, 2003; Garrison e Weiss, 2015). Dessa forma, uma estratégia que foi difundida e aperfeiçoada foi a correspondência entre o perfil do animal e da família. Em algumas instituições esse pareamento era realizado de forma mais simplista, como por exemplo a observação do comportamento do animal e atribuições de adjetivos, como calmo, brincalhão. Porém, há abrigos que realizam testes comportamentais para tentar determinar a personalidade do cão ou gato e assim passar para o adotante informações mais consistentes (Fukimoto; Howat-Rodrigues; Mendonça-Furtado, 2015).

Apesar dessa etapa ser de grande importância, não se pode prever completamente o comportamento de um cão ou gato que está em um abrigo e considerar que ele irá agir exatamente igual em um lar, visto que ele irá encontrar objetos e se deparar com situações que não foram previstas. Assim como há evidências que comportamentos indesejados podem ser resultado de características do tutor ou da casa como um todo (Stephen e Ledger, 2007), ou seja, o comportamento é influenciado pelo ambiente. Por isso uma fase de aconselhamento se faz primordial. Muitas instituições não possuem colaboradores capacitados ou em quantidade necessária para aplicação de testes comportamentais. Dessa forma o aconselhamento foi utilizado como forma de suprir essa etapa. Inclusive em diversas pesquisas os adotantes relataram que gostariam de ter recebido mais informações antes da efetivação da adoção (Kidd; Kidd; George, 1992b; Neidhart e Boyd, 2002; Mondelli et al., 2004; Southland et al., 2019).

A entrevista com o adotante, a etapa presente em todos os processos de adoção, pode ser unida ao aconselhamento de forma a entender as expectativas e o grau de conhecimento que a pessoa possui sobre cuidados de animais. Nesse momento, o conselheiro de adoção pode passar informações gerais da guarda dos animais e comportamentos normais da espécie, além de explicações específicas sobre o animal que a família pretende adotar, desde comportamentais até sobre saúde, além de entender as expectativas que as pessoas tinham em relação a adoção. De forma geral, era no momento da entrevista que os colaboradores dos abrigos decidiam se aquela família era ou não aprovada para adoção. Porém esse conceito também mudou ao longo dos anos e foi flexibilizado.

Segundo Balcom e Arluke (2001) as famílias deixaram de ser classificadas como aptas ou não aptas a adoção, e começaram a analisar a díade adotante-animal de forma individual. Com exceção de pessoas que já possuíam histórico de maus-tratos aos animais. A partir da entrevista e aconselhamento uma adoção poderia ser aprovada, rejeitada ou retardada. Mas isso não significava que aquele adotante que tivesse seu pedido de adoção rejeitado não poderia adotar mais nenhum animal. Uma nova tentativa poderia ser feita com outro cão ou gato, com maiores chances de uma adoção bem-sucedida. Uma rejeição ou retardamento de adoção, poderia ser utilizado como forma de educação, repassando mais informações sobre a guarda ou preparação do ambiente para recepção de um animal.

A fase seguinte do processo de adoção é o acompanhamento depois que o animal foi levado para o novo lar. Não são todas as instituições que relataram realizar e houve divergências nos protocolos. Alguns trabalhos realizaram o acompanhamento pós-adoção de forma experimental e não relataram se o abrigo realizava normalmente (Kidd; Kidd; George, 1992a; Kidd; Kidd; George, 1992b; Soto et al., 2005; Gates, et al., 2019). Mas, de forma geral, essa etapa aconteceu com contatos entre 1 mês, 3 meses, 6 meses e no máximo até 1 ano pós-adoção. Essa etapa possui uma das maiores influências na permanência ou não do animal na família, principalmente quando era realizada por pessoas capacitada em comportamento animal ou profissional da área, pois os comportamentos indesejados são os mais citados como motivos de devolução ou abandono (Powell et al, 2021). O acompanhamento pode acontecer na forma de aconselhamento (Neidhart; Boyd, 2002; Marston e Bennett, 2003; Gates, et al., 2019), através de consultoria com especialista (Tuber et al., 1999) ou oferecimento de serviços pós-adoção, como aulas de treinamento (Tuber et al, 1999; Marston e Bennett, 2003). E quando não estava contemplada como fase do processo, era citada como estratégia para reduzir o número de adoções fracassadas.

Uma etapa anterior a chegada do adotante, seria a preparação dos animais para adoção, especialmente cães (Mesarcova et al., 2021). O treinamento anterior pode modular o comportamento dos animais e permitir que os adotantes criem vínculo mais facilmente ou estimulando a ensinarem novos comandos, estreitando os laços entre ser humano-animal.

Com o objetivo de aproximar essa pesquisa para a realidade dos abrigos brasileiros, foram realizados alguns paralelos, visto que do banco de artigos criado para essa revisão nenhum artigo apresentou todas as fases do processo de adoção e

apenas 2 eram brasileiros, em que foi realizado acompanhamento pós-adoção experimental (Soto et al., 2005) e definição de personalidade dos gatos para pareamento com adotantes (Fukimoto; Howat-Rodrigues; Mendonça-Furtado, 2015). Primeiramente é imprescindível compreender que a adoção não deve ser uma ação instantânea e pontual de escolher um animal, assinar o termo e levá-lo para casa. Em paralelo com adoções de crianças, foram décadas de construção de um processo de adoção em que o foco se tornou o interesse e necessidades das crianças e não dos adultos. Esse movimento resultou na criação do que se conhece internacionalmente de “melhor interesse da criança” (Goldstein, Freud e Solnit; 1973 apud Brodzinsky e Pinderhughes, 2002). A partir disso passou a se procurar uma família para a criança e não o contrário.

No Brasil o processo de adoção é regido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990) e prevê uma preparação para realocação em uma nova família, processo de escolha dos adotantes, assim como acompanhamento posterior. Animais são seres com vulnerabilidade intrínseca assim como as crianças, principalmente os que estão em abrigos e provavelmente passaram por situação de abandono, maus-tratos e estão anos abrigados. Por isso a importância de se guiar por um modelo de processo de adoção em execução e fazer as adaptações necessárias para aplicação em casos de animais não humanos.

Buscando inspiração no processo de adoção de crianças, há o período de estágio de convivência de 90 dias após adoção em que é realizado acompanhamento da família por equipe multiprofissional (BRASIL, 2017). Então, além de uma escolha cautelosa do adotante, o acompanhamento pós-adoção é essencial para que seja possível identificar quando o lar não é adequado ou interceder quando se tem uma dificuldade que pode ser controlada.

Todo o processo de adoção deve ser pensado de forma a resultar em uma adoção bem-sucedida, porém é de suma importância que cada etapa seja explicada para o adotante afim de informá-lo do suporte que será prestado a ele. Dessa forma o adotante passa a entender o acompanhamento pós-adoção como um auxílio e não como uma fiscalização punitiva, e se sente confortável em de fato informar como está ocorrendo o período de adaptação. Além disso, um conceito que pode ser repensado é de não escolher um animal para a família, mas sim uma família para o animal, para que dessa forma atinja-se a adoção permanente.

## CONCLUSÃO

O processo de adoção de cães e gatos de abrigos pode ser composto por diversas etapas, inclusive anteriores a chegada do adotante: teste comportamental, preparação do animal, entrevista e aconselhamento do adotante em que o pedido de adoção será aprovado, rejeitado ou retardado e por fim o acompanhamento pós-adoção. Dos 67 artigos utilizados para essa revisão, nenhum citou todas as fases. Portanto se tem a importância de entender quais são as fases que um processo de adoção pode contemplar e o impacto que cada uma delas pode ter na permanência do animal no novo lar. Além disso, da possibilidade de utilizar como modelo processos já existentes, para construção de protocolos que permitam a ressocialização de cães e gatos de abrigos em famílias responsáveis.

De forma complementar, será exemplificado um modelo de processo de adoção que pode ser seguido por instituições que possuem número reduzido de colaboradores (inclusive qualificados – com experiência em comportamento animal) e recursos:

1. Classificação dos animais: elencar pelo menos 3 adjetivos de características físicas e 3 de comportamentais, por exemplo: cão macho de porte médio e pelagem caramelo, ativo, gosta de carinho e não socializa com gatos;
2. Modulação comportamental: as instituições que possuem colaborador qualificado em comportamento animal podem trabalhar com os animais que apresentem comportamentos agressivos ou medo. Caso não possuam, é importante detectar animais que possam ter comportamentos considerados indesejados pelos adotantes e orientá-los no momento da adoção;
3. Aconselhamento e conversa com o possível adotante: pode ser elaborado um questionário que o adotante responderá (online ou presencial) e a partir das respostas conduzir uma conversa sanando dúvidas, assim como entender quais as expectativas da família;
4. Emparelhamentos das informações: observar os animais que estão prontos para adoção e verificar se aquela família irá proporcionar as condições de guarda mais próximas do ideal para aquele animal. Por exemplo: a família procura um macho de porte pequeno, tem uma casa com um espaço gramado, gostaria de um animal que acompanhasse em caminhadas, não possui outros animais e gosta de interação através de carinhos brincadeiras – o

cão citada no item 1 poderia ser apresentado a essa família mesmo não tendo todas as características citadas;

5. Interação do animal com a família: levar o animal para um local seguro que possa interagir com a família e observar como será a interação de todos;
6. Assinatura do termo de adoção: caso ocorra uma interação positiva, levar a família para outro local, ter uma conversa mais focada no animal apresentado, explicar limitações e cuidados especiais (quando existentes). Essa etapa pode acontecer no mesmo dia ou, se achar necessário, a família pode analisar com calma antes da efetiva assinatura do termo de adoção;
7. Acompanhamento pós-adoção: realizar pelo menos 3 contatos com a família no primeiro ano de adoção (de preferência um de forma presencial), esclarecendo dúvidas e caso necessário indicar o acompanhamento de um especialista em comportamento animal. Considerando o estágio de convivência proposto no ECA, é importante que um dos contatos seja realizado nos primeiros 90 dias após a adoção.

## REFERÊNCIAS

ALVES, A. J. S.; Guiloux, A. G. A.; Zetun, C. B.; et al. A. Abandono de cães na América Latina: revisão de literatura / Abandonment of dogs in Latin America: review of literature / Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP. São Paulo: Conselho Regional de Medicina Veterinária, v. 11, n. 2, p. 34 – 41, 2013.

BALCOM, S.; Arluke, A. Animal Adoption as Negotiated Order: A Comparison of Open Versus Traditional Shelter Approaches. *Anthrozoös*, v. 13, p. 135-150, 2001.

BRASIL. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, 13 jul. 1990.

BRASIL. Lei 13.509, de 22 de novembro de 2017. Dispõe sobre adoção e altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e a Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002 (Código Civil). *Diário Oficial da União*, Brasília, 22 nov. 2017.

BRODZINSKY, D. M.; Pinderhughes, E. Parenting and child development in adoptive families. Bornstein, M. H. New Jersey In: *Handbook of parenting*. 2nd ed. p. 279-311. 2002.

D'ANDRETTA, J. P. M. Análise de fatores que contribuíram para a guarda responsável ou abandono de cães e gatos em área de São Paulo / SP. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo. Faculdade de Veterinária e Zootecnia, São Paulo, 2012, 107 p. Disponível em: <[http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/10/10134/tde-24042013-141324/publico/JOAO\\_PAULO\\_MARQUES\\_D\\_ANDRETTA\\_Corrigida.pdf](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/10/10134/tde-24042013-141324/publico/JOAO_PAULO_MARQUES_D_ANDRETTA_Corrigida.pdf)>

FUKIMOTO, N.; Howat-Rodrigues, A. B.; Mendonça-Furtado, O. Modified Meet your Match® Feline-ality™ validity assessment: An exploratory factor analysis of a sample of domestic cats in a Brazilian shelter. *Applied Animal Behaviour Science*, v. 215, p. 61-67, 2019.

GARRISON, L.; Weiss, E. What Do People Want? Factors People Consider When Acquiring Dogs, the Complexity of the Choices They Make, and Implications for Nonhuman Animal Relocation Programs. *Journal of Applied Animal Welfare Science*, v. 18, p. 57-73, 2015.

GATES, M. C.; Zito, S.; Thomas, J.; et al. Post-Adoption Problem Behaviours in Adolescent and Adult Dogs Rehomed through a New Zealand Animal Shelter. *Animals (Basel)*, 8(6), 93, 2018.

GATES, M C.; Mancera, K.; Dale, A.; et al. Preliminary analysis of post-adoption outcomes for kittens and adult cats rehomed through a New Zealand animal shelter. *New Zealand Veterinary Journal*, v. 68, p. 38-45, 2019. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/loi/tnzv20>>.

HOROWITZ, D. F.; Mills, D. S. *BSAVA. Manual of Behavioural Medicine. Second Edition*, Gloucester, British Small Animal Veterinary Association, England 2009.

INSTITUTO PET BRASIL (IPB). Número de animais de estimação em situação de vulnerabilidade mais do que dobra em dois anos, aponta pesquisa do IPB. 2020. Disponível em: <<https://institutopetbrasil.com/>>

KIDD, A. H.; Kidd, R. M.; George, C.C. Veterinarians and successful pet adoptions. *Psychological Reports*, v. 71, p. 551-557, 1992a.

KIDD, A. H.; Kidd, R. M.; George, C.C. Successful and Unsuccessful Pet Adoptions. *Psychological Reports*, v. 70, p. 547-561, 1992b.

MARSTON, L.C.; Bennett, P.C. Reforging the bond - Towards successful canine adoption. *Applied Animal Behaviour Science*, v. 83, p. 227-245, 2003.

MESARCOVA, L.; Skurkova, L.; Leškova, L. Good-looking vs. Obedient, Which Would You Rather Take Home? Appearance and Behavioral Predictors Affecting the Adoption of Shelter Dogs in Slovakia. *Journal of Applied Animal Welfare Science*, v. 24, p. 107-116, 2021.

MILLER, L.; Zawistowski, S. *Shelter medicine for veterinarians and staff*. 2. ed. Iowa: Wiley-Blackwell, 2013. 744 p. ISBN: 978-0813819938

MOHAN-GIBBONS, H.; Weisse, E.; Garrison, L.; Allison, M. Evaluation of a novel dog adoption program in two US communities. *PLoS ONE*, 3 (3), e91959, 2014.

MONDELLI, F.; Parto Previde, E.; Verga, M. The Bond that Never Developed: Doption and Relinquishment of Dogs in a Rescue Shelter. *Journal of Applied Animal Welfare Science*, v. 7, p. 253-266, 2004.

MOULTON, C. Report on Adoption Forum II. ASPCA Pro. Arizona, jan. 2003. Disponível em: [www.aspcapro.org/mydocuments/adoption-forum.pdf](http://www.aspcapro.org/mydocuments/adoption-forum.pdf)

MOUTINHO, F. F. B.; Serra, C. M. B.; Valente, L. C. M. Situação pós-adoção dos animais adotados junto a uma ONG de proteção animal no estado do Rio de Janeiro. *Cienc. Anim. Bras.*, Goiânia, v. 20, 1-14, e-43777, 2019.

NEIDHART, L.; Boyd, R. Companion animal adoption study. *Journal of Applied Animal Welfare Science*, v. 5, p. 175-192, 2002.

POWELL, L.; Reinhard, C.L.; Satriale, D.; Morris, M.; Serpell, J.; Watson, B. Characterizing unsuccessful animal adoptions: Age and breed predict the likelihood of return, reasons for return and post-return outcomes. *Scientific Reports*, v. 11, p. 1-12, 2021.

SOTO, F. R. M.; De Souza, A. J; Risetto, M. R.; Lima, B. F. M. S. Adoção de cães no município de Ibiúna - SP - Brasil: análise crítica. *Revista Ciência em Extensão*. 3(1):26, 2006.

SOUTHLAND, A.; Dowling-Guyer, S.; McCobb, E. Effect of Visitor Perspective on Adoption Decisions at One Animal Shelter. *Journal of Applied Animal Welfare Science*, v. 22, p. 1-12, 2019.

STEPHEN, J.; Ledger, R. Relinquishing dog owners' ability to predict behavioural problems in shelter dogs post adoption. *Applied Animal Behaviour Science*, v. 107, p. 88-99, 2007.

TUBER, D.S.; Miller, D.D.; Caris, K.A. Dogs in Animal Shelters: Problems, Suggestions, and Needed Expertise. *Psychological Science*, v. 10, p. 379-386, 1999.

Turner, P., Berry, J., & MacDonald, S. (2012). Animal shelters and animal welfare: Raising the bar. *The Canadian Veterinary Journal*, 53 (8), 893.

## TREINAMENTO E ACOMPANHAMENTO PÓS-ADOÇÃO DE CÃES DE ABRIGOS: ESTRATÉGIAS PARA UMA ADOÇÃO BEM-SUCEDIDA

**RESUMO** - Adoção permanente é um dos principais objetivos dos abrigos. Para isso as instituições devem desenvolver estratégias visando minimizar devoluções e reabandono. Como comportamentos indesejados (CI) são os motivos mais citados de adoções malsucedidas, o objetivo do trabalho foi acompanhar o pós-adoção de cães de abrigo com e sem treinamento prévio e verificar se o treinamento e acompanhamento contribuem para uma adoção duradoura. Os animais foram separados nos grupos controle e treinado e o treinamento envolvia comandos básicos. O acompanhamento pós-adoção (APA) foi realizado em 3 contatos, em que os adotantes responderam um questionário e receberam aconselhamento. Uma profissional especializada disponibilizou assessoria comportamental (AC) nos casos necessários. Participaram do projeto 62 cães, que devido a troca de grupo, totalizaram 42 treinados e 20 controles. Foram adotados 24 animais (43,63%), sendo 54,16% (13/24) treinados e 45,83% (11/24) controles; 1 cão treinado foi devolvido e adotado novamente e 5 famílias não participaram do APA. A maioria dos cães (78,94% - 15/19) apresentou CI; dos que não apresentaram, 75% (3/4) eram treinados. Apesar da alta incidência de CI, apenas 5 (26,31%) famílias aceitaram a AC, os demais entenderam ser parte da adaptação, receberam aconselhamento e conseguiram modificar o CI. Além disso, todos os adotantes acharam relevante o APA para adaptação do animal. Portanto, é essencial que o processo de adoção contemple preparação dos animais e acompanhamento posterior para que seja alcançado o objetivo de ressocialização dos cães em novos lares e de forma duradoura.

**Palavras-chave:** abrigo de animais; comportamento indesejado; pós-adoção; treinamento.

## TRAINING AND POST-ADOPTION FOLLOW-UP OF SHELTER DOGS: STRATEGIES FOR A SUCCESSFUL ADOPTION

**ABSTRACT** - Permanent adoption is one of the main objectives of shelters. To achieve this, institutions must develop strategies to minimize returns and abandonment. As undesirable behaviors (CI) are the most cited reasons for unsuccessful adoptions, the objective of the work was to monitor the post-adoption of

shelter dogs with and without prior training and verify whether training and monitoring contribute to a lasting adoption. The animals were separated into control and trained groups and training involved basic commands. Post-adoption follow-up (APA) was carried out in 3 contacts in which adopters answered a questionnaire and received counseling. A specialized professional provided behavioral advice (AC) when necessary. 62 dogs participated in the project, which, due to group changes, totaled 42 trained dogs and 20 controls. 24 animals (43.63%) were adopted, 54.16% (13/24) trained and 45.83% (11/24) controls; 1 trained dog was returned and adopted again and 5 families did not participate in the APA. The majority of dogs (78.94% - 15/19) presented CI; of those who did not present, 75% (3/4) were trained. Despite the high incidence of CI, only 5 (26.31%) families accepted the AC, the others understood it to be part of the adaptation, received counseling and managed to modify the CI. Furthermore, all adopters found the APA relevant for the animal's adaptation. Therefore, it is essential that the adoption process includes preparation of the animals and subsequent follow-up so that the objective of resocializing the dogs in new homes on a lasting basis is achieved.

**Key words:** animal shelter; post-adoption; training; unwanted behavior.

## INTRODUÇÃO

A ressocialização e a realocação dos animais abrigados são pontos-chave de programas de abrigo, e devem ocorrer principalmente por meio de adoções responsáveis e duradouras. Para isso, é essencial compreender quais motivos levam uma família a adotar um animal de estimação, assim como quais as dificuldades enfrentadas no período pós-adoção e quais os motivos que a levam a devolver o animal ou abandoná-lo.

Problemas comportamentais, falta de espaço nas casas, estilo de vida dos tutores e falta de orientações sobre os custos e responsabilidades da guarda de um animal estão entre as principais causas de abandono (Alves, et al., 2013). A chance de abandono aumenta quanto maior a frequência que cães sujam a casa, causam estragos, são muito agitados ou medrosos (New Jr et al., 2000), quanto mais novo é o animal e, além disso, se o tutor já possuía histórico de abandono (Weng et al., 2006). Perpassando essa questão para abrigos de animais e constatado em literatura que problemas comportamentais são um dos pontos que mais levam ao abandono ou

devolução de animais adotados (Neidhart; Boyd, 2002; Soto et al., 2006; Moutinho et al., 2019), é fundamental que esses locais mantenham um profissional responsável pela parte comportamental e treinamento dos cães, para que a possibilidade de uma adoção bem-sucedida aumente (Neidhart; Boyd, 2002; Miller; Zawistowski, 2013).

Cada abrigo pode criar uma política e método para condução do momento da adoção dos animais abrigados. Porém, a partir do I Fórum de Adoção, em 1999, diretores de abrigos dos EUA desenvolveram orientações para que fossem utilizados critérios menos rígidos para adoção de animais, mas que fossem mais válidos e, provavelmente, mais relevantes. Então a ideia foi de que o processo de adoção fosse conduzido de uma forma mais como uma conversa, que combinasse recomendações de cuidado com os animais, do que um interrogatório que terminaria com um “aprovado” ou “reprovado” (Moulton, 2003; Miller; Zawistowski, 2013). Todavia, para estimar se uma adoção será ou não bem-sucedida, é necessário traçar alguns parâmetros. Por exemplo, as cinco liberdades do bem-estar animal podem ser adaptadas como os “cinco princípios básicos para uma adoção bem-sucedida”, como sugerido no II Fórum de Adoção, em 2003:

1. A combinação entre o animal e a família permitirá a criação de vínculo entre eles;
2. O animal receberá cuidados veterinários;
3. As necessidades comportamentais e sociais do animal serão supridas;
4. O animal estará em um ambiente habitável, o que inclui comida, água, abrigo, entre outros fatores, adequado a sua espécie;
5. O animal será respeitado e valorizado.

Então, quando se imagina uma casa ideal para que o animal seja adotado, provavelmente uma pequena porcentagem das casas dos adotantes será considerada como “perfeita”. Entretanto, se os cinco princípios básicos forem atendidos, pode ser considerada uma casa aceitável, e possivelmente haverá um número maior de lares nessa classificação. Outro ponto fundamental a ser observado durante a entrevista de adoção, é que o possível adotante não tenha histórico de maus-tratos a animais (Moulton, 2003).

O momento da adoção não deve ser somente um questionário sobre a família e a casa. Diversos trabalhos citam a importância de orientar os adotantes antes da adoção, explicando sobre o comportamento da espécie, cuidados veterinários, necessidades básicas (comida, água, abrigo, entre outros), custos, consequências do

abandono (Neidhart; Boyd, 2002; D'Andretta, 2012), fornecer orientações por escrito, assim como deixar claro que será prestado suporte pós-adoção (Miller; Zawistowski, 2013; Gates et al., 2018). Em estudo conduzido por Neidhart e Boyd (2002), os adotantes de cães relataram que gostariam de ter recebido mais informações sobre a saúde e o comportamento dos animais disponíveis para adoção, assim como orientação sobre qual cão seria mais adequado para o perfil da família. Essas percepções demonstram a importância de o momento da adoção ser realizado com calma, esclarecendo as principais dúvidas dos adotantes, além de analisar o perfil da família e correlacionar com o perfil dos animais, para que o animal adotado tenha uma melhor adaptação, minorando a chance de frustração dos tutores e possível abandono.

O acompanhamento pós-adoção é uma ótima forma de estender um suporte para os adotantes e os adotados. Algumas instituições realizam esse monitoramento com todos os animais, porém, caso não seja possível, o acompanhamento deve ser realizado pelo menos para os casos com alto risco de devolução ou abandono, que envolvem principalmente animais com problemas comportamentais (Miller; Zawistowski, 2013). Ao longo do período de adaptação, o comportamento do animal tende a mudar, à medida que se sente mais confortável no novo lar e com a rotina (Elliot et al., 2010). Por isso profissionais da área recomendam que o monitoramento seja realizado seguindo a “Regra 3-3-3”: após 3 dias da adoção, após 3 semanas e após 3 meses. Em caso de adoção de filhotes, a recomendação é que o acompanhamento seja efetuado também após 6 e 9 meses, período em que é considerado um cão adolescente e que problemas comportamentais podem aparecer (Moulton, 2003; RescueDogs101, 2017).

De acordo com a Regra 3-3-3, nos primeiros 3 dias o cão poderá estar com medo, desconfortável, não demonstrando seu comportamento normal, poderá não comer ou beber água, queira esconder-se. Ou simplesmente o animal pode ser o oposto e tentar testar a nova família para entender quais são os limites estabelecidos para ele. Após três semanas, o cão ou gato se sentirá um pouco mais confortável e iniciará o entendimento que aquele é seu novo lar, por isso começará a mostrar sua verdadeira personalidade e nesse momento problemas comportamentais poderão aparecer. Após três meses, provavelmente o animal se sentirá confortável na casa, terá a criação de um vínculo com a família, uma rotina será estabelecida e se sentirá seguro (RescueDogs101, 2017).

Durante o acompanhamento pós-adoção, é importante disponibilizar orientações para os problemas comportamentais, mesmo que apenas via telefone (Neidhart; Boyd, 2002). Em uma conversa podem ser esclarecidas dúvidas de comportamentos que podem ser normais da espécie, mas que o adotante não tenha conhecimento. Além disso, caso ocorra necessidade de acompanhamento profissional e o abrigo não puder oferecer esse suporte, é importante orientar que um especialista em comportamento seja consultado.

Analisando todos os pontos que envolvem a adoção de cães de abrigo, fica evidente que no momento que uma família vai ao local para realizar uma adoção, não se deve simplesmente disponibilizar o animal e permitir que seja levado a um novo lar. Um programa de adoção bem estruturado, com treinamento prévio dos animais, orientação e entrevista com os adotantes interessados, disponibilização de orientações por escrito e um acompanhamento pós-adoção, provavelmente resultará em criação de vínculo entre tutor e animal e conseqüentemente uma adoção bem-sucedida.

## **OBJETIVOS**

### **Objetivo geral**

Objetiva-se promover o avanço na pesquisa de estratégias que colaboram para a adoção responsável e prevenção do reabandono de cães adotados de abrigos.

### **Objetivos específicos**

Realizar treinamento de comandos básicos e interação humano-cão com cães de abrigo;

Analisar se cães previamente treinados possuem maior chance de adoção;

Analisar se os cães treinados se adaptam melhor ao novo lar no período pós-adoção;

Elaborar, aplicar e avaliar se o acompanhamento pós-adoção e assessoria comportamental auxiliam na solução precoce dos comportamentos indesejados apresentados pelos cães e diminui as chances de devolução ou reabandono.

## **MATERIAIS E MÉTODOS**

Projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética de Uso de Animais do Setor de Ciências Agrárias da Universidade Federal do Paraná sob nº 062/2022 e pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Setor de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Paraná sob nº 4.352.075.

### **Animais e locais de estudo**

A pesquisa foi desenvolvida em três abrigos de animais da região da Grande Curitiba, das quais dois são organizações não governamentais sem fins lucrativos (ONGs) e um pertencente a Prefeitura Municipal.

Os animais selecionados tinham idade igual ou superior a 6 meses, entre 5 e 50 kg, permitiam a colocação de peitoral e guia e foram separados em dois grupos: controle e treinado. Preferencialmente, eram escolhidos cães de mesmo sexo, porte, cor de pelagem e temperamento formando uma dupla. Dessa forma, um deles ficava no grupo controle e outro no grupo treinado.

Em uma instituição foram formados grupos de 4 cães e nas demais foram grupos de 6 cães. Ao todo participaram do projeto 62 animais, dos quais 29 eram fêmeas e 33 machos.

### **Dinâmica dos grupos controle e treinado**

No grupo controle, um cão por vez passeava por 10 minutos com coleira e peitoral, com o mínimo de interação com a pessoa que o guiava. No grupo treinado, um cão por vez colocava peitoral e guia e era direcionado até o local do treinamento. Ao chegar o cão permanecia apenas com o peitoral.

Foi seguido o protocolo de treinamento para cães em situação de abrigo (Baldan, 2021; Baldan et al., 2023) que é dividido entre a fase de interação humano-cão (IHC) e a fase de treinamento (TR). Cada fase tem duração de 10 minutos, totalizando 1 ciclo de 20 minutos. Foram realizados 9 ciclos com cada animal, fechando 1 sessão. Ao todo foram realizadas 7 sessões, 3 em uma instituição e 2 sessões em cada um dos outros abrigos.

Para uma melhor dinâmica dos grupos, os cães que faziam parte do grupo controle, na sessão seguinte passavam a ser do grupo treinado (tabela 1). Caso o cão fosse adotado ao final da sessão, era substituído por outro com características o mais

semelhantes possível. Dessa forma, dos 62 cães participantes, ao final 42 foram treinados e 20 foram controle. O período de treinamento dos animais foi entre 24/11/2021 e 25/03/2022.

TABELA 1 – Representação das sessões realizadas em cada abrigo, com o número de animais que participaram dos grupos controle e treinado e dinâmica da troca de grupo

	Abrigo 1		Abrigo 2		Abrigo 3	
	Controle	Treinado	Controle	Treinado	Controle	Treinado
Sessão 1	6 cães	6 cães	4 cães	4 cães	6 cães	6 cães
Sessão 2	6 cães	6 cães	4 cães	4 cães	6 cães	6 cães
Sessão 3	6 cães	6 cães	-	-	-	-

Fonte: Autora (2023).

### **Protocolo de interação humano-cão (HC) e treinamento (TR)**

A fase de interação humano-cão (IHC) iniciava assim que o cão adentrava o local e tinha duração de 10 minutos. Esse momento era uma oportunidade do animal ter um contato mais próximo e positivo com humanos, representado pela pesquisadora, com o objetivo de gerar confiança e uma reação positiva com o potencial adotante, tanto no momento do evento de adoção quanto no novo lar. Também eram disponibilizados brinquedos diversos (bolinha, disco, cordas, brinquedos de nylon de diferentes formatos). A pesquisadora ficava sentada em um banco baixo e os brinquedos ficavam todos juntos, sendo que os dois ficavam equidistantes da entrada da baia, dessa forma inicialmente o cão poderia optar entre um ou outro.

Após essa escolha inicial, o cão era estimulado (sem ser forçado) a ter uma interação humana, através de contato físico com carinhos e palavras positivas e, quando demonstrava interesse, os brinquedos também eram utilizados.

Passados os 10 minutos iniciais, o banco e os brinquedos eram recolhidos e começava a fase seguinte. O protocolo de treinamento era baseado em reforço positivo no qual o animal era recompensado através de carinhos, palavras positivas e petiscos quando realizava um movimento que se aproximava do comando desejado. Os comandos básicos foram ensinados na seguinte sequência: “junto”, “senta”, “deita” e “fica”. Não havia um tempo determinado para que aprendessem cada um dos

comandos, era respeitado o tempo de aprendizado de cada cão e o comando seguinte só era introduzido quando o anterior era prontamente atendido.

### **Adoção**

Após finalização de uma sessão os cães eram liberados para adoção. Cada instituição tinha uma maneira de promovê-la: uma realizava eventos de adoção, além de divulgação nas redes sociais e estímulo para visita ao abrigo; a outra iria realizar eventos, porém por questões logísticas após o início do projeto foi optado como alternativa a divulgação nas redes sociais de fotos e vídeos dos cães participantes; a terceira realizou eventos presenciais, eventos filmados e transmitidos ao vivo na rede social, divulgação de fotos nas redes sociais e incentivo à visita ao abrigo.

Para adotar, um membro da família ficava como tutor responsável e assinava o termo de adoção da instituição além de ser informado sobre o projeto de acompanhamento pós-adoção. Se aceitasse participar do projeto o mesmo assinava o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE). Nenhum adotante foi informado que havia cães treinados.

### **Acompanhamento pós-adoção e assessoria comportamental (AC)**

O acompanhamento pós-adoção seguiu a “Regra 3-3-3” (Moulton, 2003; RescueDogs101, 2017) de adaptação do cão a um novo lar. Logo, entrava-se em contato com os adotantes após 3 dias, 3 semanas e 3 meses da adoção. Inicialmente era enviada uma mensagem via aplicativo de mensagens com apresentação da pesquisadora, breve explicação do acompanhamento e agendamento do primeiro contato. Via telefonema, os adotantes responderam a 20 questões (anexo I) que contemplaram as 5 liberdades do bem-estar animal e comportamento do cão. O questionário foi elaborado a partir dos “Cinco princípios básicos para uma adoção bem-sucedida”, lançados no II Fórum de Adoção Animal (2003). Além disso recebiam orientações do comportamento normal da espécie e aconselhamentos gerais de como lidar com comportamentos indesejados.

Caso o aconselhamento não fosse suficiente para minimizar os CI, foi disponibilizada a assessoria comportamental (AC). A AC era realizada por médica-veterinária com vasta experiência em comportamental canino. Inicialmente a AC era

realizada por vídeo chamada com orientações e passo a passo direcionados para sanar os CI daquele cão. Se necessário a profissional realizava uma visita domiciliar.

O acompanhamento pós-adoção e assessoria comportamental foram realizados no período entre 05/02/2022 e 29/10/2022.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O projeto obteve um resultado de 25 adoções e 24 cães adotados (38,7%), pois 1 cão do grupo treinado foi devolvido e adotado novamente por outra família. A devolução ocorreu por motivos de saúde do adotante. Dos 24 cães adotados, 13 eram do grupo treinado (54,16%) e 11 (45,83%) do grupo controle. Porém não foram todos os adotantes que aceitaram participar do acompanhamento pós-adoção, dessa forma 19 cães tiveram sua adaptação ao novo lar acompanhada, sendo 11 do grupo treinado e 8 do grupo controle. Dos cães adotados e acompanhados 11 (57,89%) eram machos e 8 (42,1%) fêmeas. Em relação a idade, apenas 4 cães participantes eram filhotes, dos quais 3 foram adotados e faziam parte do grupo treinado.

Em uma das instituições, com participação de 12 cães, não ocorreu nenhuma adoção, pois após o início do projeto, por questões logísticas, não foi possível realizar evento presencial. Como alternativa foram realizadas postagens de fotos e vídeos nas redes sociais para divulgação dos cães. Apesar de terem despertado interesse em possíveis adotantes, nenhuma adoção se concretizou.

No abrigo em que foram realizadas 3 sessões com um total de 30 cães, 8 animais ganharam um lar, porém as adoções não aconteceram em eventos de adoção e sim com a ida dos adotantes até o abrigo através de divulgação nas redes sociais.

No abrigo pertencente a Prefeitura Municipal, 16 cães foram adotados, de um total de 20 participantes. A alta taxa de adoção se deve a um intenso trabalho de divulgação através de eventos filmados ao vivo e transmitidos em rede social (*live*) e eventos de adoção presenciais, além de incentivo a população a visitar o local do abrigo.

Segundo o relato dos adotantes nos acompanhamentos, todos os cães tinham livre acesso a água e recebiam alimentação 2 vezes ou mais por dia. Todos possuíam local para se abrigar dentro ou fora de casa e 1 animal permanecia apenas no quintal, sem permissão de adentrar a casa.

Por parte dos cães adotados, a relação com outros animais que já estavam na família foi positiva. Em um caso a cão que já era da família teve episódios de ciúmes e isolamento e foi trabalhada essa situação com a AC. Ainda sobre as relações com a família, dos cães que tinham contato com crianças no novo lar, todos tinham uma relação positiva. Dois cães (1 macho e 1 fêmea) demonstraram medo de pessoas do sexo masculino que conviviam e uma fêmea teve um episódio de agressividade com uma visita do sexo feminino.

Todos os adotantes que ficaram como responsáveis no termo de adoção, assim como responderam as questões nos contatos pós-adoção, também eram os responsáveis pela manutenção das necessidades básicas do animal (como alimentação e limpeza do ambiente) e relataram uma relação positiva (com brincadeiras e carinho) com os cães.

Os 19 adotantes relataram que anteriormente tiveram a guarda de algum animal, sendo que 14 (73,68%) disseram que já foram tutores de cães e 5 (26,31%) que foram tutores de cães e gatos, ou seja, todos tiveram cães em algum momento da vida. Essa experiência prévia indica que os tutores possuíam percepção do comportamento da espécie e pode justificar porque 11 (57,89%) tutores em pelo menos 1 dos contatos não relataram preocupação quando o adotado apresentou comportamento indesejado.

Referente ao cão ficar sozinho em casa rotineiramente, 11 (57,89%) adotantes informaram que sim, 5 do grupo controle e 6 treinados. Quanto ao período de tempo, 5 (55,56%) ficavam entre 4 a 8 horas sozinhos e 4 (44,44%) ficavam entre 8 a 12 horas. Dos animais que permaneciam sozinhos 3 não apresentaram comportamentos indesejados em nenhum contato, sendo 2 do grupo treinado.

No primeiro contato (após 3 dias de adoção) apresentaram comportamentos indesejados 5 (62,5%) cães do grupo controle e 7 (63,63%) do grupo treinado, percentualmente similar. A tabela 2 demonstra quais comportamentos foram citados de acordo com cada grupo. O total de comportamentos relatados não é igual ao número de cães, pois um animal pode ter apresentado 2 ou mais comportamentos, conforme demonstrado na tabela 3.

TABELA 2 – Comportamentos indesejados relatados pelos tutores no primeiro contato pós-adoção (após 3 dias) de acordo com os grupos (controle e treinado) e respectivas porcentagens

COMPORTAMENTO INDESEJADO	CONTROLE	%	TREINADO	%
Destruição de objetos	1	10	2	10
Destruição do jardim	1	10	2	10
Necessidades em local inadequado	3	30	3	15
Agressividade	0	0	1	5
Choro	1	10	0	0
Medo	0	0	2	10
Fuga	1	10	3	15
Latidos	0	0	0	0
Hiperatividade	0	0	3	15
Não apresentaram	3	30	4	20
TOTAL	10	100	20	100

Fonte: Autora (2023).

TABELA 3 – Número de comportamentos indesejados por cão em cada grupo (controle e treinado) no período entre o dia da adoção até o primeiro contato (após 3 dias)

NÚMERO DE COMPORTAMENTOS INDESEJADOS	CONTROLE	%	TREINADO	%
Não apresentou	3	37,5	4	36,36
1 comportamento	2	25	4	36,36
2 comportamentos	3	37,5	0	0
3 ou mais comportamentos	0	0	3	27,27
TOTAL	8	100	11	100

Fonte: Autora (2023).

Quando indagados se o comportamento indesejado o preocupava, 2 dos 5 tutores do grupo controle responderam que sim, porém nenhum achou necessário encaminhamento para assessoria comportamental. Os cães desses adotantes apresentaram necessidades fisiológicas em local inadequado e fuga (1 cão) e destruição do jardim (1 cão). Em contrapartida, uma tutora respondeu não estar preocupada com episódios de choro durante a noite e medo de um dos membros da família (homem), foi aconselhada a receber assessoria devido ao medo e a mesma aceitou. Do grupo treinado, 4 disseram que estavam preocupados, porém apenas 1 aceitou assessoria o qual o animal apresentou comportamento destrutivo, necessidades fisiológicas em local inadequado, fuga, hiperatividade e agressividade com uma visita. Os outros cães apresentaram: medo de um membro da família (homem) (1 cão); comportamentos destrutivos, fuga e hiperatividade (1 cão); necessidades fisiológicas em local inadequado, fuga e hiperatividade (1 cão).

No segundo contato (após 3 semanas da adoção) o número de cães que apresentaram CI foi ligeiramente maior, sendo 6 (75%) do grupo controle e 8 (72,72%) do treinado, e mais uma vez percentualmente similares. Na tabela 4 foram apresentados os CI relatados e suas frequências e na tabela 5 o número de CI por cão no período. O aumento no número de cães com CI no segundo contato pode ser explicado de acordo com a Regra 3-3-3, em que após 3 semanas o cão já está ambientado e se sente confortável com a nova família, dessa forma começa a demonstrar mais sua personalidade apresentando também CI (RescueDogs101, 2017).

TABELA 4 - Comportamentos indesejados relatados pelos tutores no segundo contato pós-adoção (após 3 semanas) de acordo com os grupos (controle e treinado) e respectivas porcentagens

COMPORTAMENTO INDESEJADO	CONTROLE	%	TREINADO	%
Destruição de objetos	3	30	5	27,77
Destruição do jardim	1	10	2	11,11
Necessidades em local inadequado	1	10	1	5,55
Agressividade	0	0	0	0
Choro	1	10	0	0
Medo	1	10	1	5,55
Fuga	1	10	3	16,66
Latidos	0	0	0	0
Hiperatividade	0	0	3	16,66
Não apresentaram	2	20	3	16,66
TOTAL	10	100	18	100

Fonte: Autora (2023).

TABELA 5 – Número de comportamentos indesejados por cão em cada grupo (controle e treinado) no período entre o primeiro contato (após 3 dias da adoção) até o segundo contato (após 3 semanas da adoção)

NÚMERO DE COMPORTAMENTOS INDESEJADOS	CONTROLE	%	TREINADO	%
Não apresentou	2	25	3	27,27
1 comportamento	4	50	4	36,36
2 comportamentos	2	25	2	18,18
3 ou mais comportamentos	0	0	2	18,18
TOTAL	8	100	11	100

Fonte: Autora (2023).

Em uma comparação entre o primeiro e segundo contato, foi possível notar um menor número de cães que realizaram necessidades fisiológicas em local

inadequado. Isso provavelmente porque no início os animais queriam demarcar território além de nos primeiros dias não saberem qual o local que os tutores achavam aceitável para isso.

Os CI preocuparam 2 de 6 tutores do grupo controle. Um relatou choro e medo apresentado por cão que foi encaminhado anteriormente para assessoria comportamental e continuava em acompanhamento, além de demonstrações de ciúmes do cão que já fazia parte da família em relação ao novo animal. O outro tutor relatou fuga, mas novamente não achou necessária a AC. Dos 4 adotantes que não se preocuparam com os CI 3 (75%) citaram comportamentos destrutivos de objetos e jardim e um mencionou necessidades fisiológicas em local inadequado.

Dos 8 tutores do grupo treinado 4 demonstraram preocupação com os CI, 1 aceitou a AC devido medo do cão de um membro da família (homem), porém um pouco antes do segundo contato ocorreu um episódio em que o cão destruiu objetos e essa pessoa teve uma atitude agressiva com ele, exacerbando o medo; o outro era o cão que apresentou 6 CI no contato anterior e continuava na AC, entre eles agressividade com uma visita. Nesse contato o animal havia diminuído os CI, mas ainda apresentava comportamentos destrutivos e hiperatividade. Em relação aos cães que apresentaram CI e os adotantes não aceitaram a AC foi citado: 1 cão apresentou comportamentos destrutivos, fuga e hiperatividade; 1 cão exibiu hiperatividade e tentativa de fuga. Esses mesmos cães permaneciam sozinhos rotineiramente entre 8 e 12 horas por dia e nesse período ficavam no quintal, e exibiram os mesmos comportamentos no primeiro contato.

Ainda do grupo treinado, os demais cães que apresentaram CI e os tutores não declaram preocupação, os CI mencionados foram: 2 cães destruíram objetos que foram dados a eles como brinquedos, logo foi considerado aceitável pelos tutores; 1 cão eventualmente urinava em locais inadequados, porém era um macho que foi castrado em idade adulta, o que pode ser considerado comportamento normal de demarcação de território; 1 cão teve tentativas de fuga e destruição de objetos.

Após 3 meses da adoção foi realizado o terceiro e último contato, no qual foi relatado um número significativamente menor de cães que exibiram CI no grupo controle (n=3 ou 37,5%) e número igual do grupo treinado (n=8 ou 72,72%) com ênfase em comportamentos destrutivos (47,05%) conforme na tabela 6, porém menos comportamentos por cão (tabela 7).

TABELA 6 - Comportamentos indesejados relatados pelos tutores no terceiro contato pós-adoção (após 3 meses) de acordo com os grupos (controle e treinado) e respectivas porcentagens

COMPORTAMENTO INDESEJADO	CONTROLE	%	TREINADO	%
Destruição de objetos	0	0	6	35,29
Destruição do jardim	0	0	2	11,76
Necessidades em local inadequado	0	0	0	0
Agressividade	0	0	0	0
Choro	0	0	0	0
Medo	1	12,5	1	5,88
Fuga	2	25	4	23,53
Latidos	0	0	0	0
Hiperatividade	0	0	1	5,88
Não apresentaram	5	62,5	3	17,65
TOTAL	8	100	17	100

Fonte: Autora (2023).

TABELA 7 – Número de comportamentos indesejados por cão em cada grupo (controle e treinado) no período entre o segundo contato (após 3 semanas da adoção) até o terceiro contato (após 3 meses da adoção)

NÚMERO DE COMPORTAMENTOS INDESEJADOS	CONTROLE	%	TREINADO	%
Não apresentou	5	62,5	3	27,27
1 comportamento	3	37,5	5	45,45
2 comportamentos	0	0	1	9,09
3 ou mais comportamentos	0	0	2	18,18
TOTAL	8	100	11	100

Fonte: Autora (2023).

No grupo controle, 1 tutor relatou preocupação pois o cão não tinha apresentado CI e no último contato comentou que tiveram vários episódios de fuga no período. Dessa forma, aceitou a AC. O adotado que apresentou medo de um dos membros da família ainda tinha um pouco de receio da pessoa, porém com visível melhora, logo a tutora não estava mais preocupada e não achou necessário continuar a AC. E o terceiro cão que apresentou CI realizava tentativas de fuga desde quando foi adotado. Porém o tutor em nenhum momento achou necessária a AC e informou que colocou obstáculos para dificultar a fuga.

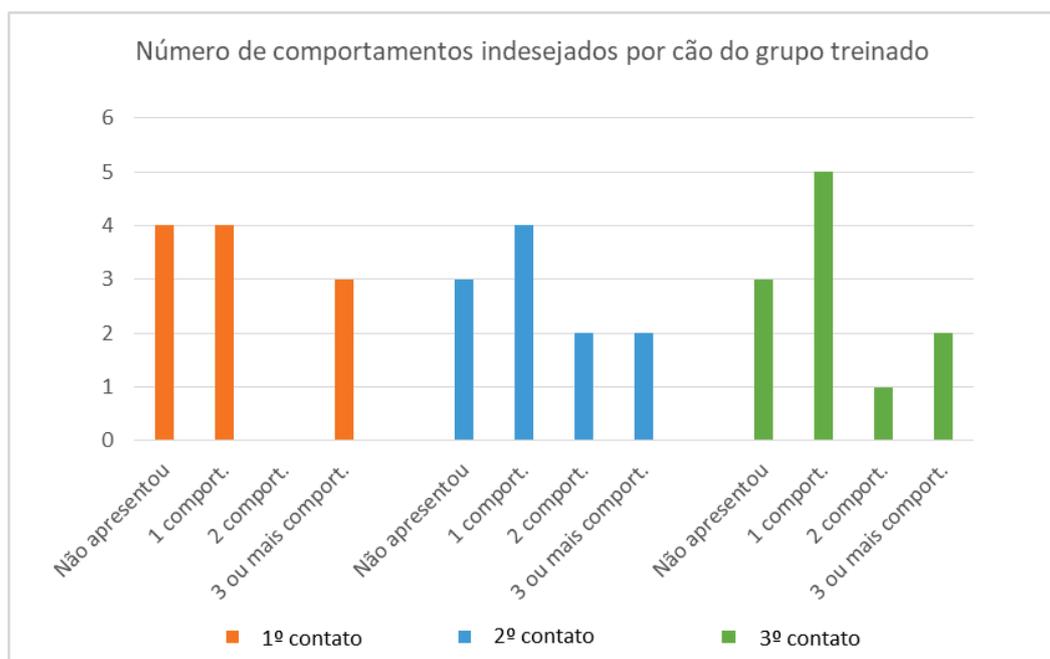
Do grupo treinado, apesar de não ter diminuído o número de cães que exibiam CI, a quantidade de comportamentos por cão foi menor. Dos 8 tutores, 1 estava preocupado, tutor do cão que já estava em acompanhamento pela AC devido medo. Um dos adotados desse grupo apresentou os mesmos comportamentos desde o início

(destruição de objetos e jardim, tentativa de fuga e hiperatividade) e foi o único cão que foi devolvido e adotado novamente. E em nenhum contato a família demonstrou preocupação com os CI, inclusive a tutora afirmava que gostavam muito do cão, que os CI estavam diminuindo de frequência e que acreditava que com o tempo não teria mais.

Dos 6 cães treinados que apresentaram CI e os tutores não se preocuparam, o que foi relatado eram episódios de destruição de objetos e tentativas de fuga, porém pouco recorrentes, dessa forma, nenhum sentiu necessidade da AC.

Ainda que o no grupo treinado o número de cães com CI tenha se mantido constante ao longo dos 3 contatos de acompanhamento (7, 8 e 8 cães, respectivamente) é importante ressaltar: a diminuição de comportamentos por cão (Gráfico 1); no último contato, mesmo 8 cães ainda apresentando CI, de forma geral os tutores informaram que eram em episódios espaçados e que não os preocupavam (apenas 1 que já estava em AC comportamental demonstrou preocupação), pois acreditavam que com o passar do tempo o cão não iria mais exibir os comportamentos. Esses pontos demonstram que os cães estavam desenvolvendo um repertório comportamental satisfatório para o convívio na família de acordo com os adotantes

GRÁFICO 1 – Número de comportamentos indesejados por cão do grupo treinado em cada um dos contatos realizados com os tutores



Fonte: Autora (2023).

Ao final dos três contatos era informado aos tutores do grupo que os cães tinham passado por treinamento de comandos básicos. Porém durante o período 2 tutores informaram que perceberam que o cão atendia ao comando “senta” desde a primeira tentativa que fizeram.

Além disso, também foi perguntado se os tutores acharam o acompanhamento pós-adoção importante para a adaptação do cão ao novo lar e todos responderam que sim, mesmo os que decidiram não receber a AC.

## **CONCLUSÃO**

Nesse estudo foi notada uma pequena preferência pelos cães treinados no momento da adoção, dos 24 cães adotados, 13 eram do grupo treinado (54,16%) e 11 (45,83%) do grupo controle. Porém dos cães que foram acompanhados no pós-adoção, 4 não apresentaram CI, sendo que 3 eram treinados (15,78%) e 1 era controle (5,26%). Logo, pode representar que cães treinados tem uma maior chance de apresentar um repertório comportamental condizente com as expectativas dos adotantes.

O protocolo de acompanhamento pós-adoção seguindo a “Regra 3-3-3” juntamente com a disponibilização de assessoria comportamental se demonstrou eficiente na adaptação dos cães adotados ao novo lar e consequente permanência dos mesmos nas famílias. Visto que apenas um cão foi devolvido, porém o adotante não aceitou o acompanhamento antes da devolução e alegou estar passando por problemas de saúde. E esse mesmo cão, que recebeu treinamento, foi adotado novamente e apesar de apresentar CI, a família recebeu aconselhamento e criou um vínculo com o animal.

Ao decorrer dos contatos, foi notado pela pesquisadora que alguns tutores tinham um pouco de resistência em agendar o contato seguinte. Porém no momento da conversa se mostravam participativos e sinceros. Logo, é importante que o momento do contato não tenha uma denotação de julgamento ou punitivo, e sim como um suporte para sanar dúvidas e auxiliar na resolução de dificuldades de adaptação tanto da família quanto do cão.

Mesmo todos os tutores declarando que já tiveram experiência anterior com um cão em casa, o aconselhamento e esclarecimento de comportamentos normais da

espécie se demonstrou necessário com todas as famílias, o que foi confirmado pelos adotantes no final da pesquisa ao afirmarem que acharam importante o acompanhamento para adaptação do cão ao novo lar.

Portanto, o treinamento de cães de abrigos e acompanhamento pós-adoção se demonstram estratégias importantes para que se alcance uma adoção bem sucedida e duradoura. O protocolo de treinamento de cães em situação de abrigo é uma ferramenta que deve ser difundida pelas instituições que abrigam animais no Brasil, assim como realizar um acompanhamento após a adoção, pois como foi perceptível durante o projeto, mesmo se tendo toda uma preparação do animal para ser adotado, no novo lar existem dificuldades que se não forem ultrapassadas podem resultar em devoluções ou reabandono. Dessa forma, podemos afirmar que o processo de adoção não finaliza quando o cão vai para o novo lar.

## REFERÊNCIAS

ALVES, A. J. S.; GUILLOUX, A. G. A.; ZETUN, C. B.; POLO, G.; BRAGA, G. B.; PANACHÃO, L. I.; SANTOS, O.; DIAS, R. A. Abandono de cães na América Latina: revisão de literatura / Abandonment of dogs in Latin America: review of literature / Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP / Continuous Education Journal in Veterinary Medicine and Zootechny of CRMV-SP. São Paulo: Conselho Regional de Medicina Veterinária, v. 11, n. 2 (2013), p. 34 – 41, 2013.

BALDAN, A. L. Treinamento e interação humano-cão têm efeito sobre o bem-estar e a adoção em cães de abrigos?. 2021. Dissertação (Mestrado em Psicobiologia) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2021. doi:10.11606/D.59.2021.tde-22112021-153020.

BALDAN, A. L. ; ROCHA, Y. S. G. ; GALDIOLI, L. ; GARCIA, R. C. M. . Protocolos de Interação Humano-cão (IHC) e Treinamento (TR) para Cães em Situação de Abrigos. Acervo Digital da Universidade Federal do Paraná. 2023. Disponível em: < <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/81932>>

D'ANDRETTA, J. P. M. Análise de fatores que contribuíram para a guarda responsável ou abandono de cães e gatos em área de São Paulo / SP. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo. Faculdade de Veterinária e Zootecnia, São Paulo, 2012, 107 p. Disponível em: [http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/10/10134/tde-24042013-141324/publico/JOAO\\_PAULO\\_MARQUES\\_D\\_ANDRETTA\\_Corrigida.pdf](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/10/10134/tde-24042013-141324/publico/JOAO_PAULO_MARQUES_D_ANDRETTA_Corrigida.pdf)

ELLIOT, R.; TORIBIO, J. A. L. M. L.; WIGNEY, D. The Greyhound Adoption Program (GAP) in Australia and New Zealand: A survey of owners' experiences with their greyhounds one month after adoption. *Appl. Anim. Behav. Sci.* 124:121–135, 2010.

GATES, M. C.; ZITO, S.; THOMAS, J.; DALE, A. Post-Adoption Problem Behaviours in Adolescent and Adult Dogs Rehomed through a New Zealand Animal Shelter. *Animals (Basel)*, 8(6), 93, 2018.

MILLER, L.; ZAWISTOWSKI, S. Shelter medicine for veterinarians and staff. 2. ed. Iowa: Wiley-Blackwell, 2013. 744 p. ISBN: 978-0813819938.

MOULTON, C. Report on Adoption Forum II. ASPCA Pro. Arizona, jan. 2003.  
Disponível em: [www.aspcapro.org/mydocuments/adoption-forum.pdf](http://www.aspcapro.org/mydocuments/adoption-forum.pdf)

MOUTINHO, F. F. B.; SERRA, C. M. B.; VALENTE, L. C. M. Situação pós-adoção dos animais adotados junto a uma ONG de proteção animal no estado do Rio de Janeiro. *Cienc. Anim. Bras.*, Goiânia, v. 20, 1-14, e-43777, 2019.

Neidhart, L.; Boyd, R. Companion animal adoption study. *Journal of Applied Animal Welfare Science*, v. 5, p. 175-192, 2002.

NEW Jr., J. C.; SALMAN, M. D.; KING, M.; SCARLETT, J. M.; KASS, P. H.; HUTCHISON, J. M. Characteristic of Shelter-Relinquished Animals and Their Owners Compared With Animals And Their Owners in U.S. Pet-Owning Households. *Journal of Applied Animal Welfare Science*, v. 3, n. 3, p. 179-201, 2000.

RESCUEDOGS101. From Rescue to Home: Your Survival Checklist. 2017.  
Disponível em: <https://www.rescuedogs101.com/bringing-new-dog-home-3-3-3-rule/#3-3-3-rule>

SOTO, F. R. M.; DE SOUZA, A. J.; RISSETO, M. R.; LIMA, B. F. M. S. Adoção de cães no município de Ibiúna - SP - Brasil: análise crítica. *Revista Ciência em Extensão*. 3(1):26, 2006

WENG, H. Y.; KASS, P. H.; HART, L. A.; CHOMEL, B. B., Risk factors for unsuccessful dog ownership: An epidemiologic study in Taiwan. *Preventive Veterinary Medicine*, v. 77, p. 82-85, 2006.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste projeto foi proposta uma visão mais minuciosa do processo de adoção de animais de abrigo, principalmente para a fase que ocorre após a saída para um novo lar. A fase do pós-adoção é de grande relevância dentro do processo como um todo, pois é o momento em que a instituição não consegue ter um controle e é quando situações não desejadas podem ocorrer.

No primeiro capítulo foi proposto entender como os processos de adoção de animais de abrigo tem ocorrido ao longo do tempo e fazer um paralelo com o processo de adoção de crianças no Brasil, onde a fase de acompanhamento com a nova família é de suma importância para permanência no lar de forma seguro e feliz para adotado e adotante.

No segundo capítulo foi possível ver na prática como prestar um suporte para as famílias após a adoção tem um efeito positivo e resultou em resolução de comportamentos que poderiam vir a ser justificativas de devolução ou reabandono dos animais.

De acordo com o formato utilizado para o acompanhamento pós-adoção: no primeiro contato as famílias tinham um pouco de resistência em agendar o telefonema, porém após iniciada a conversa no dia marcado, os tutores se sentiam a vontade em contar as experiências que estavam tendo e as conversas não duravam menos de 20 minutos (uma delas chegou a durar 40 minutos). No segundo contato a conversa já era mais rápida e focada no aconselhamento dos comportamentos indesejados. No terceiro contato foi perceptível o quanto os cães e famílias já estavam bem adaptados e uma sugestão seria que essa conversa poderia ser realizada por aplicativo de mensagens, pois no momento do agendamento muitos tutores responderam que estavam bem e não tinham com o que se preocupar.

Portanto, seria interessante realizar uma primeira conversa presencial ou via telefone de fora a criar um vínculo com o adotante e mostrar que o acompanhamento não é inquisitivo e sim um suporte. E nos contatos seguintes utilizar de outra ferramenta para acompanhar e se necessário realizar o contato. Além de sempre se mostrar disponível em casos de dificuldade.

## REFERÊNCIAS GERAIS

ALVES, A. J. S.; GUILLOUX, A. G. A.; ZETUN, C. B.; POLO, G.; BRAGA, G. B.; PANACHÃO, L. I.; SANTOS, O.; DIAS, R. A. Abandono de cães na América Latina: revisão de literatura / Abandonment of dogs in Latin America: review of literature / Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP / Continuous Education Journal in Veterinary Medicine and Zootechny of CRMV-SP. São Paulo: Conselho Regional de Medicina Veterinária, v. 11, n. 2 (2013), p. 34 – 41, 2013.

BALCOM, S.; Arluke, A. Animal Adoption as Negotiated Order: A Comparison of Open Versus Traditional Shelter Approaches. *Anthrozoös*, v. 13, p. 135-150, 2001.

BALDAN, A. L. Treinamento e interação humano-cão têm efeito sobre o bem-estar e a adoção em cães de abrigos?. 2021. Dissertação (Mestrado em Psicobiologia) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2021. doi:10.11606/D.59.2021.tde-22112021-153020.

BALDAN, A. L. ; ROCHA, Y. S. G. ; GALDIOLI, L. ; GARCIA, R. C. M. . Protocolos de Interação Humano-cão (IHC) e Treinamento (TR) para Cães em Situação de Abrigos. Acervo Digital da Universidade Federal do Paraná. 2023. Disponível em: < <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/81932>>

BRASIL. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 13 jul. 1990.

BRASIL. Lei 13.509, de 22 de novembro de 2017. Dispõe sobre adoção e altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e a Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002 (Código Civil). Diário Oficial da União, Brasília, 22 nov. 2017.

BRODZINSKY, D. M.; Pinderhughes, E. Parenting and child development in adoptive families. Bornstein, M. H. New Jersey In: Handbook of parenting. 2nd ed. p. 279-311. 2002.

D'ANDRETTA, J. P. M. Análise de fatores que contribuíram para a guarda responsável ou abandono de cães e gatos em área de São Paulo / SP. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo. Faculdade de Veterinária e Zootecnia, São

Paulo, 2012, 107 p. Disponível em: [http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/10/10134/tde-24042013-141324/publico/JOAO\\_PAULO\\_MARQUES\\_D\\_ANDRETTA\\_Corrigida.pdf](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/10/10134/tde-24042013-141324/publico/JOAO_PAULO_MARQUES_D_ANDRETTA_Corrigida.pdf)

ELLIOT, R.; TORIBIO, J. A. L. M. L.; WIGNEY, D. The Greyhound Adoption Program (GAP) in Australia and New Zealand: A survey of owners' experiences with their greyhounds one month after adoption. *Appl. Anim. Behav. Sci.* 124:121–135, 2010.

FUKIMOTO, N.; Howat-Rodrigues, A. B.; Mendonça-Furtado, O. Modified Meet your Match® Feline-ality™ validity assessment: An exploratory factor analysis of a sample of domestic cats in a Brazilian shelter. *Applied Animal Behaviour Science*, v. 215, p. 61-67, 2019.

GARRISON, L.; Weiss, E. What Do People Want? Factors People Consider When Acquiring Dogs, the Complexity of the Choices They Make, and Implications for Nonhuman Animal Relocation Programs. *Journal of Applied Animal Welfare Science*, v. 18, p. 57-73, 2015.

GATES, M. C.; ZITO, S.; THOMAS, J.; DALE, A. Post-Adoption Problem Behaviours in Adolescent and Adult Dogs Rehomed through a New Zealand Animal Shelter. *Animals (Basel)*, 8(6), 93, 2018.

GATES, M C.; Mancera, K.; Dale, A.; et al. Preliminary analysis of post-adoption outcomes for kittens and adult cats rehomed through a New Zealand animal shelter. *New Zealand Veterinary Journal*, v. 68, p. 38-45, 2019. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/loi/tnzv20>>.

HOROWITZ, D. F.; Mills, D. S. BSAVA. *Manual of Behavioural Medicine*. Second Edition, Gloucester, British Small Animal Veterinary Association, England 2009.

INSTITUTO PET BRASIL (IPB). Número de animais de estimação em situação de vulnerabilidade mais do que dobra em dois anos, aponta pesquisa do IPB. 2020. Disponível em: <https://institutopetbrasil.com/>

KIDD, A. H.; Kidd, R. M.; George, C.C. Veterinarians and successful pet adoptions. *Psychological Reports*, v. 71, p. 551-557, 1992a.

KIDD, A. H.; Kidd, R. M.; George, C.C. Successful and Unsuccessful Pet Adoptions. *Psychological Reports*, v. 70, p. 547-561, 1992b.

MARSTON, L.C.; Bennett, P.C. Reforging the bond - Towards successful canine adoption. *Applied Animal Behaviour Science*, v. 83, p. 227-245, 2003.

MESARCOVA, L.; Skurkova, L.; Leškova, L. Good-looking vs. Obedient, Which Would You Rather Take Home? Appearance and Behavioral Predictors Affecting the Adoption of Shelter Dogs in Slovakia. *Journal of Applied Animal Welfare Science*, v. 24, p. 107-116, 2021.

MILLER, L.; ZAWISTOWSKI, S. *Shelter medicine for veterinarians and staff*. 2. ed. Iowa: Wiley-Blackwell, 2013. 744 p. ISBN: 978-0813819938.

MOHAN-GIBBONS, H.; Weisse, E.; Garrison, L.; Allison, M. Evaluation of a novel dog adoption program in two US communities. *PLoS ONE*, 3 (3), e91959, 2014.

MONDELLI, F.; Parto Previde, E.; Verga, M. The Bond that Never Developed: Doption and Relinquishment of Dogs in a Rescue Shelter. *Journal of Applied Animal Welfare Science*, v. 7, p. 253-266, 2004.

MOULTON, C. Report on Adoption Forum II. ASPCA Pro. Arizona, jan. 2003. Disponível em: [www.aspcapro.org/mydocuments/adoption-forum.pdf](http://www.aspcapro.org/mydocuments/adoption-forum.pdf)

MOUTINHO, F. F. B.; SERRA, C. M. B.; VALENTE, L. C. M. Situação pós-adoção dos animais adotados junto a uma ONG de proteção animal no estado do Rio de Janeiro. *Cienc. Anim. Bras.*, Goiânia, v. 20, 1-14, e-43777, 2019.

NEIDHART, L.; Boyd, R. Companion animal adoption study. *Journal of Applied Animal Welfare Science*, v. 5, p. 175-192, 2002.

NEW Jr., J. C.; SALMAN, M. D.; KING, M.; SCARLETT, J. M.; KASS, P. H.; HUTCHISON, J. M. Characteristic of Shelter-Relinquished Animals and Their Owners Compared With Animals And Their Owners in U.S. Pet-Owning Households. *Journal of Applied Animal Welfare Science*, v. 3, n. 3, p. 179-201, 2000.

POWELL, L.; Reinhard, C.L.; Satriale, D.; Morris, M.; Serpell, J.; Watson, B. Characterizing unsuccessful animal adoptions: Age and breed predict the likelihood of return, reasons for return and post-return outcomes. *Scientific Reports*, v. 11, p. 1-12, 2021.

RESCUEDOGS101. *From Rescue to Home: Your Survival Checklist*. 2017. Disponível em: <https://www.rescuedogs101.com/bringing-new-dog-home-3-3-3-rule/#3-3-3-rule>

SOTO, F. R. M.; DE SOUZA, A. J.; RISSETO, M. R.; LIMA, B. F. M. S. Adoção de cães no município de Ibiúna - SP - Brasil: análise crítica. *Revista Ciência em Extensão*. 3(1):26, 2006.

SOUTHLAND, A.; Dowling-Guyer, S.; McCobb, E. Effect of Visitor Perspective on Adoption Decisions at One Animal Shelter. *Journal of Applied Animal Welfare Science*, v. 22, p. 1-12, 2019.

STEPHEN, J.; Ledger, R. Relinquishing dog owners' ability to predict behavioural problems in shelter dogs post adoption. *Applied Animal Behaviour Science*, v. 107, p. 88-99, 2007.

TUBER, D.S.; Miller, D.D.; Caris, K.A. Dogs in Animal Shelters: Problems, Suggestions, and Needed Expertise. *Psychological Science*, v. 10, p. 379-386, 1999.

TURNER, P., Berry, J., & MacDonald, S. (2012). Animal shelters and animal welfare: Raising the bar. *The Canadian Veterinary Journal*, 53 (8), 893.

WENG, H. Y.; KASS, P. H.; HART, L. A.; CHOMEL, B. B., Risk factors for unsuccessful dog ownership: An epidemiologic study in Taiwan. *Preventive Veterinary Medicine*, v. 77, p. 82-85, 2006.

## VITA

A Júlia, que nesse momento encontra-se como mestranda, desde pequena foi apaixonada por animais. Cresceu com o sonho de ser veterinária e foi através da Universidade Federal do Paraná que em 2018 o realizou.

Durante a graduação passou por diversas áreas para entender onde de fato se encaixava. Ao final do curso encontrou o bem-estar animal, área onde realizou seu TCC e ganhou uma nova percepção do mundo.

Após formada realizou a Residência Multiprofissional em Saúde Coletiva, no município de Ponta Grossa/PR e entre tantas novas experiências e contato com profissionais de outras áreas, descobriu o quanto, como médica-veterinária, podia fazer pela comunidade de seres humanos e não-humanos.

Ao final da residência surgiu a oportunidade do mestrado na área de medicina de abrigos, local que tanto se dedicou a trabalhar e mudar vidas durante a residência. O percurso foi longo, com muitas dificuldades pessoais (entre crises de ansiedade, depressão, final de isolamento social por conta da COVID-19, questões financeiras, e logo no final dois processos de luto aos quais foi pega totalmente de surpresa). Mas enfim finalizou, pelos animais que ajudou a encontrar um novo lar e por aqueles que espera ajudar direta e indiretamente.

E quanto a Júlia do futuro, essa espera continuar contribuindo de forma positiva na vida de seres humanos e não-humanos.

## ANEXOS

Anexo I – Questionário utilizado nos contatos do acompanhamento pós-adoção de cães de abrigo.

### 1. Você ainda está com o cão adotado?

- a. Sim
- b. Não

#### 1.1 Se não, por qual motivo?

- a. Fuga
- b. Óbito
- c. Problema comportamental. Qual:
- d. Condições de saúde. Qual:
- e. Foi adotado por um familiar/amigo.
- f. Foi adotado por um desconhecido.

#### 1.2 Quanto tempo você ficou com a guarda do animal?

### 2 Você já teve outros animais?

#### 2.2 Qual espécie?

### 3 O seu cão fica:

- a. Somente dentro de casa, com livre acesso aos cômodos.
- b. Somente dentro de casa, com espaço restrito.
- c. Somente fora de casa, sem acesso a rua e solto no quintal.
- d. Somente fora de casa, sem acesso a rua e preso no canil.
- e. Somente fora de casa, sem acesso a rua e preso a corrente.
- f. Livre acesso a todos os espaços da casa.
- g. Livre acesso a toda a casa e a rua.
- h. Somente para fora de casa e com acesso a rua.

### 4 O cão recebe qual tipo de alimentação?

- a. Apenas ração.
- b. Ração misturada a comida da família.
- c. Apenas comida da família.
- d. Alimentação natural.

### 5 Com que frequência é fornecida a alimentação?

- a. 1 vez ao dia.
- b. 2 vezes ao dia.
- c. 3 vezes ao dia.
- d. 4 vezes ao dia.
- e. Outro. Quantas: livre demanda

### 6 O cão possui água disponível a todo momento?

- a. Sim.
- b. Somente fora de casa.
- c. Somente dentro de casa.
- d. Não. Explicar:

### 7 O animal possui um local protegido para se abrigar?

- a. Sim, ele fica dentro de casa.
- b. Sim, ele fica dentro de casa e tem uma cama/dorme com o tutor.

- c. Sim, ele possui casinha no quintal.
- d. Não. Explicar:

### 8 O cão fica sozinho em casa rotineiramente?

- a. Sim
- b. Não

#### 8.1 Se sim, por quanto tempo?

- a. Menos de uma hora.
- b. Entre 1 e 4 horas.
- c. Entre 4 e 8 horas.
- d. Entre 8 e 12 horas.
- e. Mais de 12 horas.

#### 8.2 Durante esse período sozinho, ele permanece em qual local?

- a. Apenas dentro de casa.
- b. Apenas fora de casa, sem acesso a rua, solto no quintal.
- c. Apenas fora de casa, sem acesso a rua, preso no canil.
- d. Apenas fora de casa, sem acesso a rua, preso na coleira.
- e. Apenas fora de casa, com acesso a rua.
- f. Com livre acesso, dentro e fora de casa.

### 9 Há crianças na sua casa?

- a. Sim
- b. Não

#### 9.1 Se sim, como é a interação da criança com o cão?

- a. Relação positiva: Move-se, inclina-se ou olha na direção da criança de forma lúdica.
- b. Relação positiva: Move-se, inclina-se ou olha na direção.
- c. Relação neutra: não possuem qualquer tipo de interação (não responsivo).
- d. Relação negativa: Move-se, inclina-se ou desvia o olhar de forma que a preocupa.
- e. Relação negativa: Move-se na direção da criança de forma que a preocupa.

### 10 Há outras pessoas na casa (adolescentes, adultos ou idosos)?

- a. Sim
- b. Não

#### 10.1 Se sim, como é a interação entre as demais pessoas e o cão?

- a) Relação positiva: Move-se, inclina-se ou olha na direção da pessoa de forma lúdica.
- b) Relação positiva: Move-se, inclina-se ou olha na direção.
- c) Relação neutra: não possuem qualquer tipo de interação (não responsivo).
- d) Relação negativa: Move-se, inclina-se ou desvia o olhar de forma que a preocupa.
- e) Relação negativa: Move-se na direção da pessoa de forma que a preocupa.

**11 Há outros animais na casa?**

- a. Sim
- b. Não

**11.1 Se sim, de qual espécie?**

- a. Canina
- b. Felina
- c. Roedores
- d. Pássaros
- e. Outra. Qual:

**11.2 Como é a relação entre o cão adotado e os demais animais?**

- a) Relação positiva: Move-se, inclina-se ou olha na direção do animal de forma lúdica.
- b) Relação positiva: Move-se, inclina-se ou olha na direção.
- c) Relação neutra: não possuem qualquer tipo de interação (não responsivo).
- d) Relação negativa: Move-se, inclina-se ou desvia o olhar de forma que a preocupa.
- e) Relação negativa: Move-se na direção do animal de forma que a preocupa.

**11.3 Em algum momento específico ocorre briga entre os animais?**

- a) Durante as refeições.
- b) Durante interação com o tutor.
- c) Durante interação com outro membro da família.

**12 Qual a sua relação com o cão?**

- a. Relação positiva: Carinhos e brincadeiras diariamente.
- b. Relação positiva: Carinhos e brincadeiras, fornece alimentação e limpeza do ambiente diariamente.
- c. Relação neutra: Apenas cumpre com as necessidades básicas do animal (alimentação e limpeza do ambiente), sem carinhos ou brincadeiras.
- d. Relação negativa: O cão é agressivo com o tutor.
- e. Relação negativa: Dificilmente interagem. Qual o motivo:

**13 O cão apresentou algum comportamento indesejado desde o último contato?**

- a. Sim
- b. Não

**13.1 Se sim, qual?**

- a. Destruir objetos. Quais:
- b. Destruir o jardim. Especificar:
- c. Fugas.
- d. Latidos.
- e. Choro.
- f. Agressividade. Especificar:
- g. Medo.

- h. Necessidades fisiológicas em local inadequado.
- i. Hiperatividade.
- j. Outro. Qual?

**14 Os comportamentos indesejados do cão te preocupam?**

- a) Não.
- b) Sim.

**14.1 (Em caso de resposta positiva para preocupação) O que você pensou/fez para tentar solucionar esse comportamento indesejado?**

- a. Promover a adoção do animal para um membro da família.
- b. Promover a adoção do animal para um amigo.
- c. Promover a adoção para quem quiser adotá-lo.
- d. Devolver o animal ao abrigo.
- e. Procurar ajuda profissional. Qual?

**15 O cão precisou de cuidados veterinários desde o último contato?**

- a. Sim
- b. Não

**15.1 Você cumpriu o tratamento até a total recuperação do animal?**

- a. Sim
- b. Não. Explicar:
- c. Não se aplica.

**16 Gostaria de fazer mais alguma colocação sobre esse período ou está com alguma dúvida?**

- a. Não.
- b. Sim. Qual?

**17 Poderia enviar foto e/ou vídeo do seu cãozinho via aplicativo ou email?**